

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA – FACULDADE DE ARQUITECTURA

A PRESENÇA DO VAZIO ARQUITECTÓNICO
ELEMENTO ESTRUTURADOR DE UM EDIFÍCIO HÍBRIDO



JOANA RAQUEL DELGADO JORDÃO

Dissertação/Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura
Mestrado Integrado de Arquitectura

Orientador Científico: Arq. Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus

Co-Orientador Científico: Doutor Arq. Nuno Miguel Gomes Arenga da Cruz Reis

Júri: Presidente: Doutor Arq. Pedro Belo Ravara
Vogal: Arq. Fernando Sanchez Salvador
Vogal e Orientador: Arq. Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus
Vogal e Co-Orientador: Doutor Arq. Nuno Miguel Gomes Arenga da Cruz Reis
Lisboa, FAUTL, Janeiro 2011

À minha Família,
Mãe, Pai, Aninhas, Pedrito e Diana.

RESUMO

A presente Dissertação, intitulada *A Presença do Vazio Architectónico – Elemento Estruturador de um Edifício Híbrido* tem como objectivo o estudo da condição do vazio presente na Arquitectura resultando numa proposta para um objecto híbrido que responde a novas situações de vazio, tirando partido deste último como elemento de composição, estruturação e qualificação espacial.

Desta forma, partiu-se da definição do conceito de Vazio, identificaram-se e exploraram-se três vazios arquitectónicos, contidos (fechados) e definidos, presentes na cidade tradicional: a praça, o pátio e o saguão.

Propõe-se uma reinterpretação dos vazios arquitectónicos acima mencionados, passando por uma proposta de redefinição sem que os mesmos percam a lógica morfológica. presente na memória colectiva do peão comum.

Explora-se o seu recurso e aplicabilidade no desenvolvimento de um objecto arquitectónico híbrido, capaz de albergar em si as diversas actividades do dia-a-dia: o habitar, o trabalhar, o aprender e o lazer.

Finalmente, a Luz como matéria de caracterização dos espaços desenhados, associada e desenvolvida segundo os vazios propostos.

PALAVRAS-CHAVE

Vazio, Híbrido, Luz, Saguão, Pátio

ABSTRACT

This dissertation, named The Presence of the Architectural Void – Structural Element of an Hybrid Building is a contemplation about the condition of the element void in Architecture and the development of an Hybrid building based on the idea of the void as a structural and compositional element in the spatial qualification.

Starting from the definition of the Void's Concept, there was the intention of identifying and exploring three types of architectural voids that make part of the traditional city: the square, the courtyard and the patio.

I propose a new reading for these architectural voids, pursuing a redefinition without losing the morphological sense, kept in the common memory of the inhabitant of the city.

The overcoming study is tested in an hybrid building that contains the main activities of the daily live: to inhabit, to work, to learn and to play.

The light as a material for characterizing space which links and enhances the spatial conditions of the proposed voids.

KEY-WORDS:

Void, Hybrid, Light. Yard, Patio

ÍNDICE

Introdução	1
Objecto, Enquadramento e Justificação do Tema	2
Estado da Arte	3
 Os vazios da Cidade Contemporânea	5
Tipologias de Vazios Arquitectónicos	13
Praça	15
Pátio	17
Saguão	19

O Híbrido na Arquitectura	21
Luz	27
Case Study I: O Panteão de Roma	33
Case Study II: O Vazio segundo Rachel Whiteread	41
 Proposta	 45
Solução Urbana	45
Solução Arquitectónica	49
Decomposição e Análise Exterior do Projecto	49
Do vazio Urbano ao Vazio Íntimo - A Gradação de Escala	51
Binómio Cidade/Natureza	53
Espaços Distributivos - Transição Público - Privado	79
Programa - Do horizontal ao Vertical	61
 Conclusão	 65
Bibliografia	69
Anexo I - Processo de Trabalho	
Anexo II - Desenhos Técnicos	

ÍNDICE DE IMAGENS

Fig. 1	Mapa de Lisboa	6
Fig. 2	Quarteirão Danificado pela 2ª Guerra Mundial. Localização: Berlin. Fonte:	8
Fig. 3	Quarteirão Recuperado pela 2ª Guerra Mundial. Localização: Berlin. Fonte:	9
Fig. 4	Praça do Comércio. Localização:Lisboa, Setembro 1914. Fonte:	14
Fig. 5	Pátio Lisboeta. Localização: Alfama, Lisboa. Fonte:	16
Fig. 6	Saguão Lisboeta. Localização: Arco de Cego, Lisboa.	18
Fig. 7	Missouri Athletic Club. Localização: St. Louis, Missouri, Estados Unidos da América. Fonte: FENTON, Joseph. <i>Híbrid Buildings</i> , Pamphlet Architecture nº11, New York: San Francisco, 1985, p.16.	22
Fig. 8	Matriz Sociedade Contemporânea. Autor: Christopher Alexander. Fonte: http://www.rudi.net/books/200	24
Fig. 9	Matriz Sociedade Tradicional. Autor: Christopher Alexander. Fonte: http://www.rudi.net/books/200	24
Fig.10	Pátio Herreriano. Autor: J.Marina. Fonte:RAMOS, Elisa Valero. <i>La Matéria Intangible. Reflexiones Sobre la Luz en el Proyecto de Arquitectura</i> . Espanha: Ediciones Generales de la Construcción, 2ª Edição, Novembro 2009, p.28.	24

Fig.11 Panteão de Roma. Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/67/dehio_1_panthemon_floer_plan.jpg	32
Fig.12 Esquicho do Panteão de Roma. Autor: Arq. Ana Gil.	34
Fig.13 Pormenor do Óculo do Panteão de Roma. Fonte: http://farm2.static.flickr.com/1204/802616322_7bdcd72b82_o.jpg	35
Fig.14 Planta e Secção Transversal do Panteão de Roma. Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/67/dehio_1_panthemon_floer_plan.jpg	36
Fig.15 Importância da Luz na Proposta Arquitectónica. Autor: Arq. Ricardo Rodrigues	38
Fig.16 Conceptualização do Vazio do Panteão de Roma. Autor: Arq. Ricardo Rodrigues	39
Fig.17 House. Localização: Londres. Autor: Rachel Whiteread. Fonte: http://rossmcdonald.blogspot.com/2010/10/rachel-whiteread-house.html&usg=__OAI3Z0sJPEo5Xzf174HOH2vM3s4=&h=600&w=900&sz=174&hl=en&start=11&zoom=1&tbnid=n5W3mIKTzNRnSM:&tbnh=97&tbnw=146&ei=NslSTeibD5Hx4QbQoP3fCA&prev=/images%3Fq%3Dwhiteread%2Bhouse%26um%3D1%26hl%3Den%26client%3Dsafari%26rls%3Den%26biw%3D1440%26bih%3D742%26tbs%3Disch:1&um=1&itbs=1	42
Fig.18 Corredor Ecológico de Lisboa e Localização da Proposta.	46
Fig.19 Os 5 Temas da Proposta Urbana, retratados individualmente segundo a ordem: Corredor Verde, Praça, Perspectivas, Percursos, Clusters Verdes.	46
Fig.20 Proposta Urbana. Autor: Joana Jordão.	47
Fig.21 Implantação da Proposta Arquitectónica. Autor: Joana Jordão.	48
Fig.22 Esquemas de Gradação do Vazio. Autor: Joana Jordão.	50
Fig.23 Esquema de Materialidade. Esquicho. Autor: Joana Jordão.	52
Fig.24 Alçado do Corredor Verde. Autor: Joana Jordão.	54
Fig.25 Alçado da Praça. Autor: Joana Jordão.	55
Fig.26 Pátio Vegetal. Autor: Joana Jordão.	56
Fig.27 Pátio Inerte. Autor: Joana Jordão.	57
Fig.28 Espaço Distributivo Público. Autor: Joana Jordão.	58
Fig.29 Axonometria Programática. Autor: Joana Jordão.	60
Fig.30 Planta do Piso Térreo. Autor: Joana Jordão.	62

INTRODUÇÃO

Vazio, [vaziú]. s. m. (Do lat. *vacívus*, de *vacāre* ‘estar vago’). 1. Espaço vazio, que não é ocupado por matéria, = VÁCUO. (...) Olhar para o vazio, olhar para um ponto, sem se aperceber da realidade circundante (in *Dicionário da língua Portuguesa Contemporânea*¹). Espaço não preenchido ou desequilibrado (in *Vocabulário Técnico e Crítico de Architectura*²); Fazer o vazio em si mesmo, no sentido simbólico que os poetas e os místicos dão a esta expressão, é libertar-se do turbilhão das imagens, dos desejos e das emoções; é escapar à roda das existências efémeras, para só sentir a sede do absoluto (in *Dicionário dos Símbolos*³).

¹ Academia das Ciências de Lisboa e da Fundação Calouste Gulbenkian. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Braga: Verbo Editora, 2001

² RODRIGUES, Maria João; SOUSA, Pedro Fialho de, co-aut.; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira, co-aut. *Vocabulário Técnico e Crítico de Architectura*. Coimbra: Quimera, 1990.

OBJECTO, ENQUADRAMENTO E JUSTIFICAÇÃO DO TEMA

A presente dissertação teórica tem como tema *A Presença do Vazio Arquitectónico – Elemento Estruturador de uma Ideia de Arquitectura* e pretende estudar esta condição no desenvolvimento de um objecto arquitectónico híbrido, relativamente à diversidade programática.

A intenção de tornar o Vazio como um tema de trabalho e exploração advém do desejo pessoal de conferir ao espaço habitado uma identidade independente do contexto urbano da envolvente em que se encontra.

Tem-se por objectivo testar a presença do Vazio na estruturação de um programa arquitectónico que coloca em confronto actividades privadas com actividades de carácter colectivo, assim como perceber se os espaços desenvolvidos segundo a conjugação dos valores de luz e vazio propostos, verificam uma boa adequação à sua finalidade funcional.

A metodologia proposta baseia-se num processo de experimentação que tem como base o universo de estudo que abrange as componentes teórica e conceptual - relativamente aos temas: *Tipologias de Vazios Arquitectónicos* e *Case-Study*, respectivamente; assim como o exercício de *maquette* - a partir do qual resultam valores espaciais que servem de base para o desenvolvimento da proposta.

O documento apresenta-se organizado segundo uma estrutura tripartida. A primeira parte corresponde ao universo teórico e procura explicar os temas de estudo importantes para o desenvolvimento da proposta: os vazios urbanos e tipologias de vazios conhecidas, o objecto híbrido e a luz . Na segunda parte são apresentados os *Case Studies* que foram determinantes para a elaboração da proposta de projecto: o Panteão de Roma e um pouco da obra da artista plástica (escultora) Rachel Whiteread. A terceira parte apresenta a proposta de arquitectura elaborada segundo os conhecimentos adquiridos e ideias propostas neste estudo.

ESTADO DA ARTE

A investigação pretende inter-relacionar as diferentes etapas de pensamento acerca do *vazio* como elemento arquitectónico capacitado de estruturar uma ideia de arquitectura.

Através do conceito de *Terrain Vague* do Arquitecto SOLA-MORALES, percebe-se a importância do *vazio* no contexto da cidade, como espaço passível de intervenção urbana ajustada à sociedade actual, onde a tradição e a contemporaneidade coexistem.

Pensando o *vazio* como unidade urbana e exigindo que o mesmo verifique uma gradação de escala e progressão no sentido da individualização revelou-se imprescindível o estudo das noções de *Praça*, *Pátio* e *Saguão*, como unidades de *vazio* programado presentes na memória colectiva da sociedade e que verificam a gradação acima desejada.

A necessidade de conceber um edifício com a capacidade de albergar em si as diferentes actividades do dia-a-dia, correspondentes ao *Habitar*, *Trabalhar*, *Aprender* e *Lazer*, remeteu para o estudo da noção de *Objecto Híbrido*, capacitado de permitir a co-operação destas diferentes actividades, entendidas como unidades espaciais que ao serem sobrepostas promovem o dinamismo de um determinado local. Esta ideia é defendida através do conceito de *Semilattice*, proposto pelo Arquitecto e Teórico CHRISTOPHER ALEXANDER.

A condição de Híbrido proposta verifica-se ao nível do programa e das tipologias arquitectónicas subjacente, baseado no sentido da relatividade da organização espacial - preocupação constante verificada na obra do Arq. ALDO VAN EYCK – onde a dualidade Cidade/Natureza é colocada em confronto.

Os *Case-Studie* revelaram-se importantes na medida em que são exemplos onde o *Vazio* é tratado como elemento de composição espacial e não como espaço sobranter de uma subtracção ou delimitação física. No trabalho da Artista Plástica RACHEL WITHEREAD o *vazio* subverte a sua condição, ao ser representado segundo uma materialização física.

OS VAZIOS DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

A cidade contemporânea, cidade por nós habitada nos dias de hoje, verifica a presença lugares expectantes e estagnados, à parte do contexto em que se inserem culturalmente. Estas pausas de território urbano não contêm uma justificação explícita para a sua existência: podem ser espaços de rotura ou de transição entre diferentes malhas urbanas ou até mesmo espaços sobrantes, esquecidos no próprio plano urbano. São espaços de carácter indeterminado, assumidos como periféricos ou independentes, exteriores a uma morfologia urbana pré-determinada.



Fig. 1 – Mapa de Lisboa. É possível distinguir o espaço vazio do espaço construído.

Este reconhecimento de vazio urbano resulta da caracterização e aplicação da lógica de percepção por parte do habitante. O vazio aparece assim como um espaço de carácter distinto dos vazios urbanos programados, presentes na memória e vivência colectiva dos habitantes da cidade e entendidos como espaço público. Tomo como exemplos de vazios urbanos programados: uma praça, um largo, uma rua ou um miradouro. A percepção da cidade contemporânea surge assim como uma dialéctica entre cheios e vazios, entendidos como realidades antagónicas que se complementam.

Uma vez que a presença na cidade dos vazios não programados está a aumentar, porque não entendê-los como uma nova entidade urbana, com a intenção de os tornar numa vantagem, para a unidade de vizinhança em que se inserem ou até mesmo como estratégia de revitalização urbana a uma escala mais abrangente, à escala da metrópole, como se verifica na cidade de Berlin.

Tomando Berlin como exemplo de sucesso que ilustra a segunda hipótese proposta, verifica-se que as roturas deixadas na cidade, resultantes dos confrontos bélicos a que a esta esteve exposta ao longo da história - primeiro após a 2ª Guerra Mundial, depois devido à Guerra Fria - proporcionaram uma revitalização e reestruturação de um plano urbano, aparentemente rígido e submetido a uma lógica de quarteirão. Os vazios, que começaram por estar associados a uma memória colectiva de guerras e confrontos, passaram a ser lugares de excepção e de reconversão urbana, adquirindo assim um carácter positivo. Tornaram-se espaços de estar, jardins, zonas de transição para os logradouros do quarteirão que, em algumas situações, se tornam permeáveis pelo habitante comum, devido à dilatação do espaço público para o seu interior. São lugares que apelam a uma infinidade de abordagens, espaços de novas propostas, mais actuais e de experimentação sem comprometer a identidade pré-existente.

O tema dos *vazios urbanos* é motivo de preocupação e pesquisa de muitos arquitectos contemporâneos, quer em teoria quer em sugestões de apropriação ou reconversão.

O arquitecto SOLÀ-MORALES propõe o conceito de *Terrain Vague* para caracterizar as interrupções de cidade que verificam a ausência de urbanidade e defende-as como sendo unidades com forte potencialidade para a reconversão urbana. Segundo o mesmo, os espaços expectantes são vazios não apenas físicos mas também memoriais, na medida em



Fig. 2 – Quarteirão Danificado pela 2ª Guerra Mundial. Localização: Berlin.



Fig. 3 – Quartirão Recuperado após danos causados pela 2ª Guerra Mundial.
Localização: Berlin.

que estão directamente associados à condição social em que estão inseridos, estando naturalmente inscritos no imaginário colectivo.

Os *Terrain Vague* são caracterizados como grandes vazios urbanos, vastas áreas localizadas frequentemente à margem de grandes infra-estruturas de transporte ou industriais. São espaços intersticiais que constituem territórios de ensaio idóneos para exploração de novas condições de cidade. Porém, devem ser encarados como zonas estratégicas que, devido à sua particular disposição e configuração, podem contribuir para a regeneração ou revitalização do tecido urbano em que estão inseridos; ou até mesmo a grande escalas, como elementos capazes de marcarem posição no processo de transformação da metrópole.

Os vazios propõem então uma rede de possibilidades, segundo o entendimento de SOLÀ-MORALES: “A relação entre a ausência de uso e de actividade e o sentido de liberdade, de expectativa é fundamental para perceber toda a potencia evocativa dos *Terrain Vague* na percepção da cidade. O Vazio como ausência mas também como promessa, como encontro, como espaço do possível: expectante.”⁴

A presença destes vazios na metrópole remetem para o questionamento sobre o processo de desenvolvimento da mesma e obriga a uma reflexão acrescida no processo e desenvolvimento se propostas de evolução da cidade.

Perceber os vazios como uma entidade urbana permite que se deixe de entender a cidade segundo uma lógica de sectorização morfológica e se inicie uma abordagem ao tecido urbano, segundo um continuum de acontecimentos, interligados entre si.

Os espaçamentos adquirem desta forma protagonismo no panorama urbano, ao proporem uma reversão no sistema de desenvolvimento da cidade, em busca de uma nova lógica morfológica e de sentido, adaptada às necessidades e pensamento da sociedade contemporânea.

⁴ SOLÀ-MORALES, Ignasi. *Territorios*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

Esta proposta de mudança poderia entrar em confronto com a memória colectiva presente na sociedade e no lugar. Contudo, ao considerarmos o binómio tempo/espço como reflexo estratificado do desenvolvimento da sociedade, desde o passado até à actualidade e relacionando-o com o desenvolvimento urbano, a cidade passa a ser entendida como um fruto da sua realidade socioeconómica e cultural.

Os lugares da cidade passam a ser entendidos como espaços de manifesto e representação onde os vazios constituem um momento onde é permitida a inscrição das gerações futuras, dando continuidade à construção da cidade. Os vazios podem então ser espaços de confronto entre a tradição e a realidade actual, potenciais campos de experimentação.

Ao entender o vazio com um campo experimental de novos modelos urbanos e formas de habitar, é permitida a convivência física de uma nova realidade em consonância com os distintos estratos urbanos pré-existentes que se foram desenvolvendo ao longo do tempo até à contemporaneidade.

Os vazios, ao serem pequenas interrupções de cidade, revelam disponibilidade para tornar uma mudança, à partida imaginável, numa possibilidade. As realidades passado e futuro passam a coexistir no mesmo espaço físico, social e cultural.

Ao novo conceito de urbanidade é permitida a fusão com a memória colectiva do presente, onde a cidade não deve ser entendida meramente como um conjunto inter-relacionado de lugares pré-determinados mas sim como um palco propício a uma nova e determinada forma de desenvolvimento e distintas abordagens, com a capacidade de se regenerar a si própria.

TIPOLOGIAS DE VAZIOS ARQUITECTÓNICOS

A PRAÇA, O PÁTIO E O SAGUÃO

A estrutura da cidade ocidental contém em si unidades arquitectónicas cujas morfologias estão associadas a espaços vazios programados que variam da abrangência comum e pública à particularidade relacionada com o sentido de privacidade. Tomo como exemplo a progressão (espacial e identitária) Praça, Pátio e Saguão uma vez que são entidades nas quais me baseei para o desenvolvimento da proposta arquitectónica. Perceber a sua identidade é essencial, uma vez que se pretende conservar os seus valores arquetípicos tradicionais, valores estes que verificaram sucesso ao longo das várias gerações, até aos dias de hoje. Contudo é proposta uma reinterpretação dos mesmos, conferindo-lhes um uso ajustado à proposta em si.



Fig. 4 – Praça do Comércio. Localização: Lisboa., Setembro 1914.

PRAÇA

A praça é um elemento morfológico urbano característico das cidades ocidentais. O conceito de praça teve origem no *Agora* da Sociedade Grega, local de encontro da população para declarações políticas, trocas mercantis ou até mesmo manifestações públicas festivas. Mais tarde evolui para o fórum Romano, mantendo o seu carácter de espaço mas associado a edifícios singulares e representantes do poder político vigente.

A praça mantém ao longo do tempo o seu carácter, associado a edifícios importantes, de acordo com a época em que é instituída (Igrejas, Habitações Senhoriais, Edifícios de Poder). e com funções importantes de comércio e reunião social. O seu apogeu é no Renascimento onde a localização na estrutura urbana em que se encontra, assim como o seu respectivo desenho advêm de uma intenção racional e programada, normalmente associada ao poder vigente autoritário.

É um vazio urbano programado e intencional, um lugar de encontro e permanência da população, por excelência, onde as práticas e manifestações sociais tomam lugar. A sua morfologia e identidade dependem da estreita relação do vazio com os edifícios envolventes pois são estes que a caracterizam e lhe conferem forma (vazio associado, neste caso, a um espaço de permanência). Contudo a praça é muitas vezes um elemento auxiliar na valorização de um determinado edifício que geralmente ocupa uma posição central relativamente ao eixo principal da praça. A praça é então um espaço de significado colectivo, um cenário urbano acompanhado de qualificação político-social e funcional pois é palco de feiras, exposições culturais, propagandas, manifestações, etc.

A praça é assim um elemento urbano que verifica sucesso ao longo de várias épocas e em diferentes contextos, sem que o seu sentido seja perdido ou adulterado. O entendimento da praça como um espaço de encontro para a população permite uma nova proposta o nível morfológico, que se afaste da forma ortogonal clássica, sem que esta perca o seu carácter e percepção na urbanidade edificada.



Fig. 5 – Pátio Lisboeta. Localização: Alfama, Lisboa.

PÁTIO

O elemento morfológico Pátio tem origem na arquitectura Árabe. Não confundindo com a noção de casa-pátio, o Pátio em si é um elemento característico da arquitectura vernacular de países de clima quente. O recurso ao pátio, na Europa, remete para a época medieval, onde, devido à necessidade de alojar muitos habitantes em pouca área de implantação, originou um crescimento da construção em altura, colocando em risco questões de salubridade e de boa qualidade da habitação, tais como a insolação e a ventilação.

O pátio surge assim como uma resposta aos problemas de salubridade acima expostos. Primeiramente, como pequenos vazios de carácter particular mas partilhado por conjuntos de unidades familiares que o delimitavam com as suas habitações, como se verifica nos exemplos habitacionais unifamiliares da cidade de Vienna. Posteriormente assistiu-se a uma evolução para um espaço interior à edificação, partilhado por conjuntos de unidades de habitação vertical, como se verifica na tipologia em Quarteirão.

O recurso ao pátio apresenta vantagens relativamente ao distanciamento do contexto adjacente à edificação. Tomo como exemplo a anulação do ruído exterior, ou a vantagem de obtenção de luz por reflexão, assim como a privação do vento, facilitando e promovendo assim a vida ao ar livre. As dinâmicas espaciais de um pátio permitem uma relação íntima do homem com o natural, submetido à passagem das estações e ciclos da natureza e garantindo uma protecção relativamente ao ambiente hostil causado pela densidade social da cidade.

O pátio é entendido assim como uma entidade particular e protegida, contudo exposta aos elementos atmosféricos. É um espaço exterior interiorizado na edificação, onde se consegue um contacto directo com a Natureza sem se estar exposto à sociedade .

Na proposta os pátios surgem associados aos blocos de habitação, de uso limitado aos habitantes de cada bloco e verificam dois tipos: um pátio Inerte, orientado para a praça e consequentemente para a cidade, e um pátio vegetal, orientado para a natureza, associada ao corredor verde proposto.



Fig. 6 – Sagão Lisboeta. Localização: Arco do Cego, Lisboa

SAGUÃO

A unidade morfológica saguão provém de uma evolução do conceito de pátio. O Saguão é assim um espaço exterior que verifica uma desproporção entre a área ocupada e a altura, menos harmoniosa relativamente à proporção do pátio. A ideia de saguão remete-nos para lugares auxiliares ou secundários, tais como poços de ventilação vertical, ou contentores para condutas técnicas, na maioria dos exemplos de forma insalubre.

Nos edifícios de habitação multifamiliar (prédio de habitação), o saguão está posicionado anexo a zonas menos nobres, associadas às actividades de lida da casa, tais como cozinhas ou zonas de tratamento de roupa. Em castelhano, O *zaguán* é um termo tradicional e designa um elemento arquitectónico característico da arquitectura doméstica do *Ensanche* de Barcelona do séc. XIX. É um espaço de transição que liga a rua a um pátio interior, normalmente associado a um sistema de acesso e distribuição vertical.

A noção de saguão, apesar de ser associada a questões de natureza técnica, não é tão clara como a noção de pátio. Sugere-se assim o entendimento do saguão como unidade arquitectónica, díspar da de Pátio. O Pátio está associado a um exterior particular e permeável fisicamente, enquanto que o saguão pretende ser uma presença de um vazio numa realidade habitada, não permeável fisicamente mas presente em vivência visual e intelectual. Também pode estar presente nesta distinção uma antinomia entre os termos pessoal e colectivo. O pátio é associado a situações de uso particular enquanto que o saguão se encontra exposto ao uso comum, quer seja como infra-estrutura técnica, quer como lugar comum de transição, particularmente em edifícios de habitação.

Na proposta o saguão é entendido como um paralelepípedo de vazio que perfura a massa e permite que o espaço seja iluminado e ventilado, trazendo a natureza para o interior do objecto. É também um elemento importante na organização interior das tipologias habitacionais e de comércio uma vez que a sua presença estrutura e sectoriza a área disponível para utilização. A cada dependência está associado um saguão.

O HÍBRIDO NA ARQUITECTURA

Híbrido, a. adj. (Do Lat. *Hybrida*) 1. Que resulta do cruzamento ou do acasalamento de espécies ou de variedades de raças diferentes; (...) 3. Que resulta da junção irregular, anómala... de elementos ou de coisas diferentes.⁵

⁵ Academia das Ciências de Lisboa e da Fundação Calouste Gulbenkian. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Braga: Verbo Editora, 2001.



- A. Lobby
- B. Bank
- C. Main dining room
- D. Gymnasium
- E. Handball courts
- F. Swimming pool
- G. Bedrooms

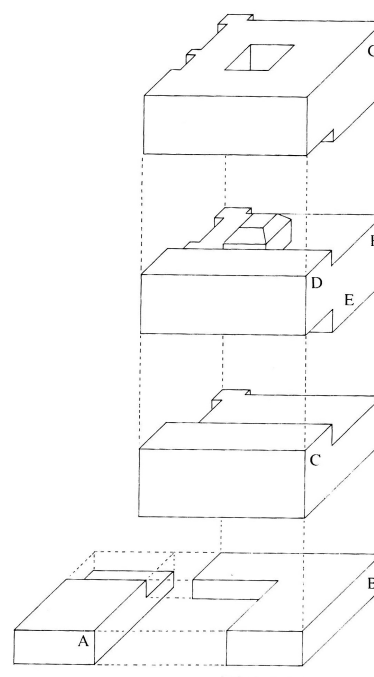


Fig. 7 – Missouri Athletic Club. Localização: St. Louis, Missouri, USA. Ano: 1916.

Exemplo de Edifício Híbrido segundo Joseph Fenton. Contém as seguintes actividades: A. Recepção B. Banco C. Sala de Jantar D. Ginásio E. Campos de Andebol F. Piscina G. Dormitórios.

O conceito híbrido aplicado à arquitectura não tem uma clara definição. A vastidão do conceito permite que o próprio esteja relacionado com questões de natureza espacial – relativamente a propostas de arquitectura topográficas, cujas espacialidades internas são constantes, independentemente do programa; questões metodológicas - associadas à alteração do *modus* de pensar a arquitectura por oposição à convencional norma de projecto; ou questões programáticas - onde o programa se distancia das convenções modernistas e tenta responder às solicitações do modo de vida contemporâneo.

O meu interesse no estudo e desenvolvimento de um objecto híbrido teve início com a definição de híbrido lançada por Joseph Fenton. Para ele, um híbrido caracterizava-se pela combinação e mistura de funções e usos diferenciados num mesmo edifício, com a intenção de contrariar a dispersão urbana verificada. Esta mudança só foi possível devido ao desenvolvimento tecnológico: com a introdução do elevador nos edifícios e o recurso aos novos materiais - o aço e o betão.

A concentração das funções do dia-a-dia num só edifício significava evolução para a sociedade das cidades americanas do séc. XX. O Edifício Híbrido começou a ser reflexo de um desejo de mudança por parte da sociedade relativamente à dispersão da actividade quotidiana, tal como relata JOHN DOS PASSOS no periódico *Manhattan Transfer*:

“- Man, he was an architect. I got a set of plans and specifications at home for what he called a communal building... Seventy-five stories high stepped back in terraces with a sort of hanging garden on every floor, hotels, theaters, Turkish baths, swimming pools, department stores, heating plant, refrigeration and market space all in the same building.

- Did he eat coke?”⁶

A atitude de confluir várias actividades num mesmo ponto da cidade (neste caso, num objecto arquitectónico híbrido) é defendida pelo Arq. e teórico CHRISTOPHER ALEXANDER, autor do artigo “*The city is not a Tree*”.

⁶ FENTON, Joseph. *Hybrid Buildings*, Pamphlet Architecture nº11, New York: San Francisco, 1985, pp.6

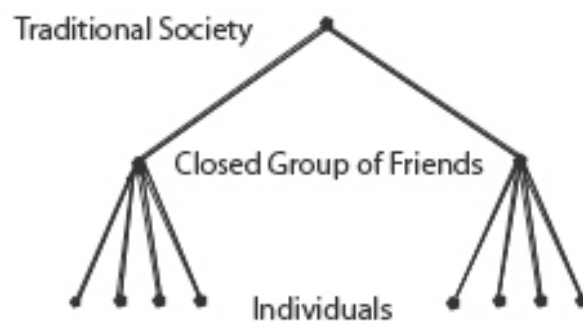
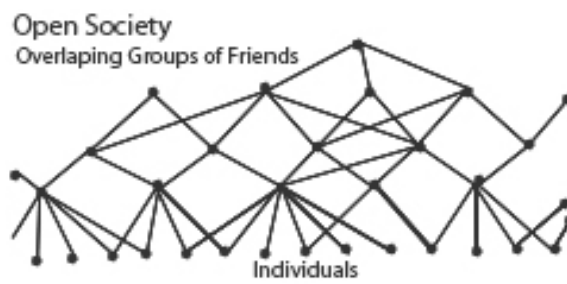


Fig. 8 – Matriz Sociedade Contemporânea. Verifica o conceito de *Semilattice*, segundo Christopher Alexander.

Fig.9 – Matriz Sociedade Tradicional. Não verifica o conceito de *Semilattice*, segundo Christopher Alexander.

CHRISTOPHER ALEXANDER defende que a cidade é um sistema composto por várias unidades espaciais que co-operam em conjunto e promovem o dinamismo de um determinado local, como um resíduo fixo do sistema social, bem sucedido no caso das cidades naturais (as que crescem ao longo do tempo de forma espontânea, ex: Siena, Liverpool, Kyoto) e um completo fracasso no caso das cidades planeadas (ex: Chandigarh, New Towns Britânicas).

Nas cidades onde o dinamismo é um sucesso, a inter-relação entre as unidades espaciais urbanas é explicada através do conceito de *semilattice*. Este conceito sugere uma sobreposição de sistemas que se relacionem entre si e criam condições para a existência de um *lugar* na cidade, que contenha identidade e o carácter inerente, sem perder a vitalidade urbana.

As cidades planeadas tem como base de estruturação um diagrama em árvore, restrito e que se organiza segundo uma sequência de spots que não se relacionam entre si: antecedem-se e precedem-se e são entendidos no conjunto, como um todo, único, só em si mesmo. A *semilattice* aparece como um processo associativo de sistemas, que não se esgota em si como o sistema em árvore e onde a sobreposição, multiplicidade e até ambiguidade resultam num tecido complexo de inter-relações. É o princípio da unidade de vizinhança explicado segundo fórmulas matemáticas e que permite a criação de uma estrutura que é definida pela sobreposição de sistemas individuais aceites pela sociedade contemporânea.

Tomando como exemplo o transporte público de utilização privada - os táxis - CHRISTOPHER ALEXANDER afirma que estes funcionam numa cidade porque a actividade pedonal não está completamente separada das vias de tráfego automóvel, ou seja, a actividade pedonal e o tráfego automóvel são duas unidades espaciais independentes que se relacionam entre si segundo a ideia de *semilattice*. Assim está exemplificado um sistema de unidades de identidade própria e independentes entre si, que ao relacionarem-se permitem a criação de uma nova identidade: a Identidade do Lugar.

O mesmo autor defende que a sociedade contemporânea não se baseia em grupos fechados e restritos mas sim num sistema de conhecimentos que se sobrepõem entre si, tal como o conceito de *semilattice*. Assim se justifica a pertinência da concepção de um objecto híbrido, tanto como ponto de regeneração urbana como resposta à estrutura social contemporânea.

LUZ

*“Qual é a sombra da Luz Branca? (...) É a sombra negra, respondi (...) Sou de um tempo em que a luz do sol era amarela, e a sombra era azul. Mas o que vejo nitidamente é a Luz branca e a sombra negra. (...) Eu acredito que um amarelo vivo e um lindo azul virão, e que a revolução terá um novo maravilhamento. É desse maravilhamento que podem surgir as nossas novas instituições...”*⁷

Louis Kahn

⁷ KAHN, Louis I. *Conversas com Estudantes*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002, pp. 16-17

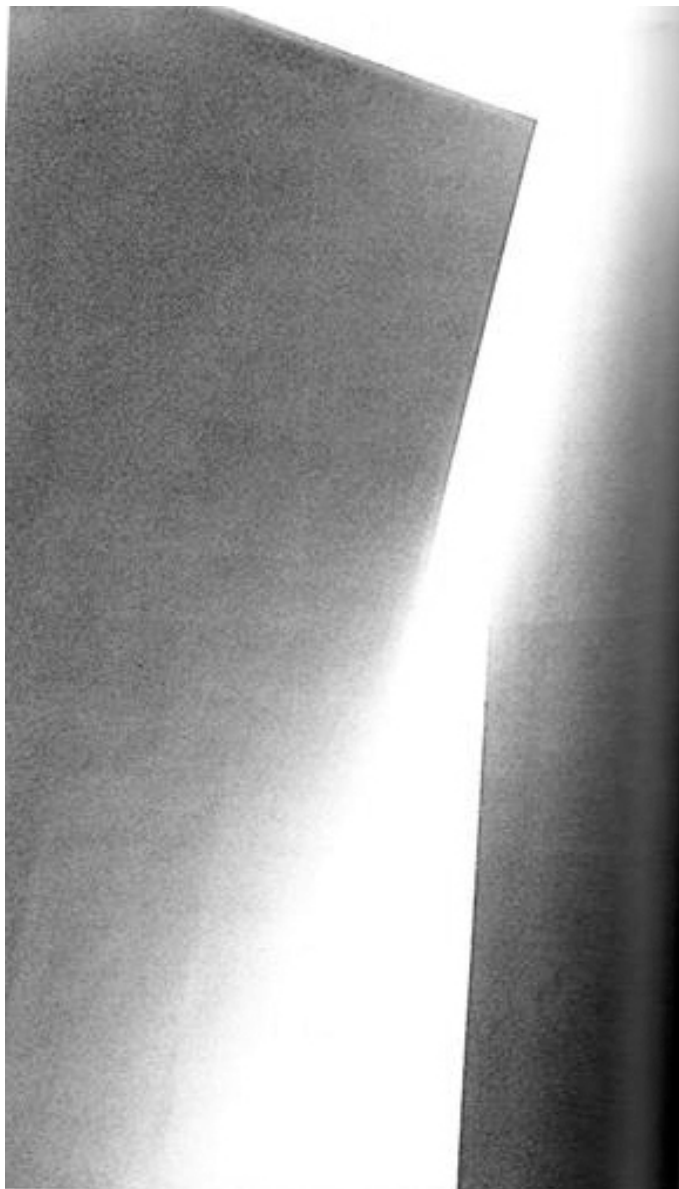


Fig. 10 – Pátio Herreriano. Fotografia de J.Marina

A Luz é um factor importante no desenvolvimento de qualquer proposta arquitectónica, uma vez que torna vivenciável o espaço concebido, física e visualmente. Sem o contributo da luz não seria possível a concepção espacial, uma vez que o resultado seria o mesmo, independentemente da forma de suporte.

O Arq. ALBERTO CAMPO BAEZA chega a afirmar que ” *“Architectura Sine Luce Nulla Architectura Est”* ⁸(Arquitectura sem Luz não é Arquitectura) e explica que os conceitos de Luz foram variando ao longo do tempo: *“O tema da Luz é recorrente na concepção da Arquitectura. A sua manipulação foi variando ao longo do tempo, consoante o contexto social e as questões metafísicas inerentes a cada época, de tal forma que se poderia descrever a história da arquitectura como a história da concepção arquitectónica da Luz”*⁹.

A Arq. ELISA VALERO RAMOS sugere que a história da luz surge em paralelo à história da arquitectura. Na Idade Média, a luz era trabalhada de forma densa e definida, penetrava no espaço como lâminas, provenientes de rasgos feitos nas paredes massivas - característica das construções daquela época. No período Gótico, a lógica vigente remetia para a constante procura de uma ligação ao divino. A luz inunda o edifício, aligeirando a sua estrutura de suporte e adquire desta forma um carácter simbólico, uma vez que materializa a ascensão do reino profano ao divino. No Barroco a luz propagava pelo espaço de forma difusa, porém com a capacidade de valorizar o movimento e a expressão característica daquela época: a escultura e a talha dourada eram enfatizadas ganhando imponentia no espaço interior do edifício. No Movimento Moderno a atitude projectual passa pela abolição da parede opaca em favor de longos panos de vidro, permitindo que a luz invada o espaço de forma uniforme, com a intenção de criar a sensação no transeunte de pertença ao meio envolvente. Nos dias de hoje não existe uma condição de luz por excelência.

A sociedade multicultural da contemporaneidade, característica proveniente do constante processo de globalização a que assistimos, reflecte o desejo e a procura do arquitecto por uma conjugação de diferentes tipos de luz no mesmo espaço arquitectónico. A luz passa a ser trabalhada como um material no acto de projectar, *“disponível para se construir com, para criar espaço, indispensável à arquitectura”*¹⁰, como explica a Arq. e teórica ELISA VALERO RAMOS.

⁸ BAEZA, Alberto Campo. *Idea, Light and Gravity*. Tokyo: TOTO, 2009. Pp. 302

⁹ RAMOS, Elisa Valero. *La Matéria Intangible. Reflexiones Sobre la Luz en el Proyecto de Arquitectura*. Espanha: Ediciones Generales de la Construcción, 2ª Edição, Novembro 2009.

¹⁰ BAEZA, Alberto Campo. *Idea, Light and Gravity*. Tokyo: TOTO, 2009. Pp. 304-306

Para o Arq. LOUIS KAHN, a luz não é entendida apenas como um material e adquire protagonismo na estruturação e desenvolvimento de um projecto de arquitectura. Kahn defende que a organização espacial e a relação entre as partes do projecto deve estar dependente de uma ordem de qualidades luminosas.

As propostas de luz num projecto podem relacionar-se entre si de forma harmoniosa segundo uma progressão de intensidade luminosa, ou verificar uma ruptura na sequência, de forma intencional e como resposta à organização e estruturação do programa. Cada unidade deve ser tratada de forma independente e individualizada segundo a função que lhe está pré-definida porém a relação e posição no sistema nunca podem ser deixadas de parte. A luz natural é assim trabalhada e graduada em função do programa, como explica o Arq. LOUIS KAHN:

“O desenho da estrutura é também o desenho da luz. A relação entre o que faz o espaço (estrutura) e o que dá vida ao espaço (a sua luz natural) é a base para a concepção de espaço. A planta de um edifício deve ser lida como uma harmonia de espaços em luz. Cada espaço deve ser definido pela sua estrutura e o carácter da sua luz.”¹¹

A luz não tem as mesmas características em todos os pontos do globo terrestre. As suas qualidades variam segundo condições que começam na localização geográfica até à manipulação feita pelo arquitecto.

Em países de alta latitude a luz manifesta-se de forma difusa e de baixa intensidade. Já nas latitudes centrais a luz apresenta um carácter forte e definido, de incidência directa e tonalidade amarelada. Os níveis de claridade da Luz variam consoante a altitude a que o lugar se encontra. Estas condições naturais da luz, como anteriormente referi, podem ser manipuladas pelo arquitecto projectista que, recorrendo a estratégias espaciais, tais como a definição da orientação espacial do edifício e das suas partes, assim como a definição do tipo de aberturas, consegue uma possibilidade interminável de soluções.

¹¹KAHN, Louis. *Louis I. Kahn Conversas com Estudantes*. p.73 Barcelona: Gustavo Gili, 2002

Desta forma, o Arq. ALBERTO CAMPO BAEZA sugere que se a luz for tratada como um material, a mesma deve ser caracterizada consoante a sua definição física. Esta definição passa pela caracterização segundo:

- a sua direcção pois a luz pode ser uma luz vertical ou horizontal;
- a sua intensidade e definição, podendo ser uma luz sólida, difusa ou que cai sobre o suporte cobrindo-o;
- a localização geográfica que pré-define um tipo de luz mais frio ou mais quente;
- a hora do dia e da estação do ano: a luz leve e fresca matinal, característica de Este ou a luz dourada de Oeste, característica de um fim de tarde são diferentes apesar de serem ambas luzes horizontais;
- a sua tonalidade: a luz branca das praias que consideramos paradisíacas difere da luz azul característica da costa sul de Itália que por sua vez difere da luz amarelada do sul de Espanha;
O nível de transparência: a luz limpa do meio-dia solar difere bastante da luz do entardecer que por vezes parece encadear a visão;
- Reflexão: apesar de esta característica depender da superfície de incidência, a luz de fim de dia não tem a capacidade reflectora da luz do meio-dia.
- a sombra projectada, que toma uma forma tanto mais definida quanto mais directa for a luz incidente;
- a escuridão produzida ao trespassar um obstáculo, variando em intensidade consoante a opacidade do objecto de obstrução;
- a sua luminosidade, quantificável, uma vez que é a quantidade de energia irradiada por uma unidade de tempo¹².

¹² Cfr. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Luminosidade>



Fig. 11 – Panteão de Roma.

CASE STUDY I: O PANTEÃO DE ROMA

“If I were asked for three recipes to destroy architecture, I would suggest covering over the central opening of the Pantheon Dome, to wall up the glass block façade on the Maison de Verre or to close the coloured openings which illuminate La Tourette Chapel.”¹³

¹³ BAEZA, Alberto Campo. *Idea, Light and Gravity*. Tokyo: TOTO, 2009. Pp 306

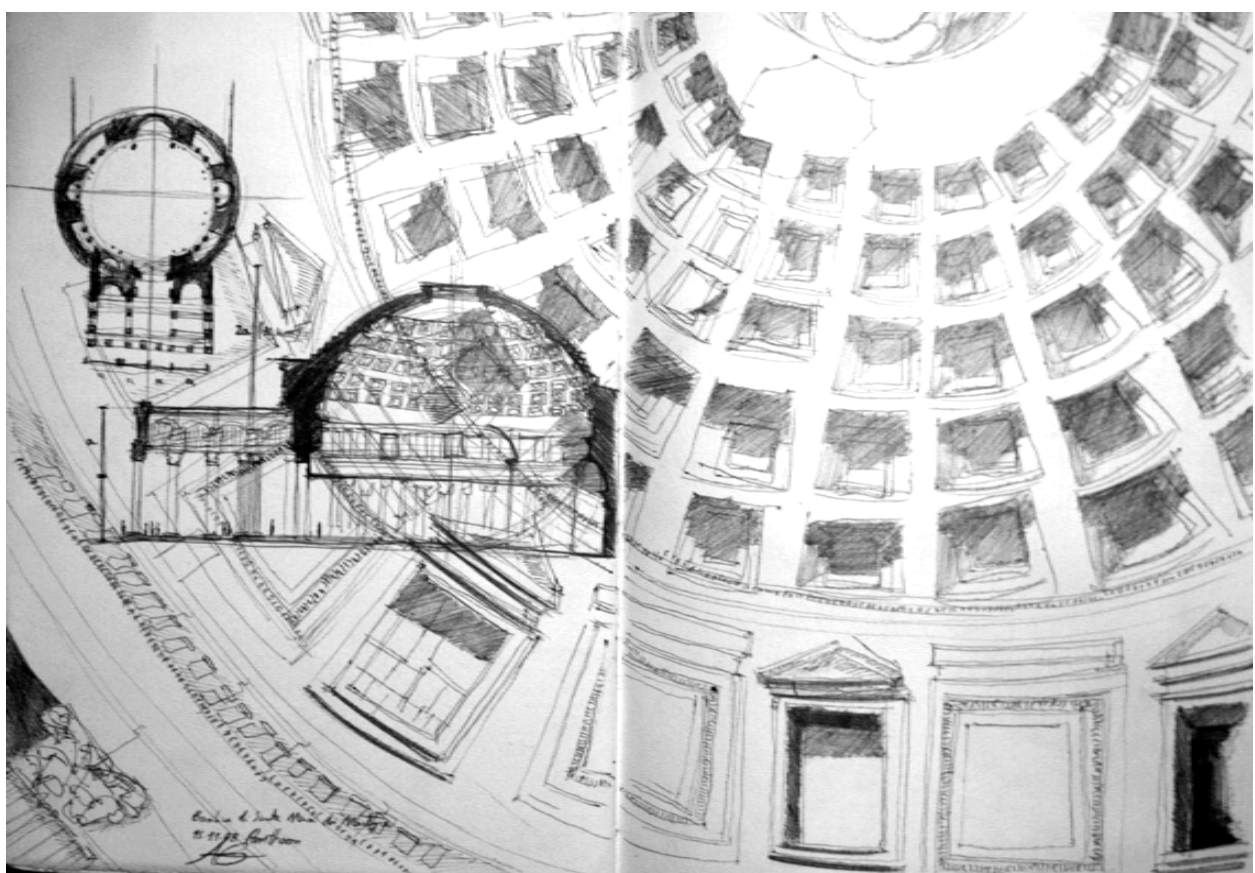


Fig. 12 – Esquiço do Panteão de Roma. Aatoria: Arq. Ana Gil.



Fig.13 – Pormenor do Óculo do Panteão de Roma.

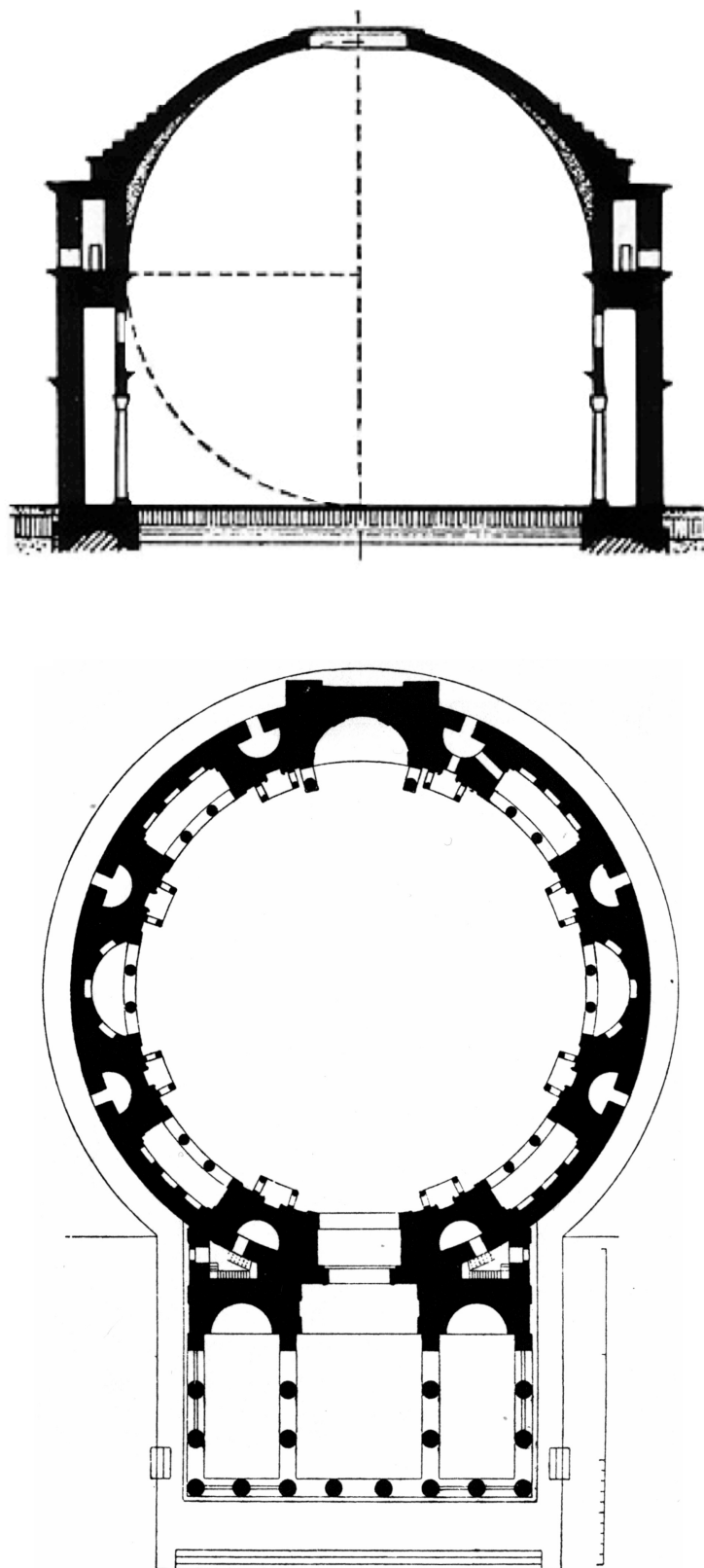


Fig. 14 – Planta e Secção Transversal do Panteão de Roma.

O estudo do Panteão de Roma verifica importância nesta tese pois toma-se como um exemplo de obra arquitectónica onde o vazio é o tema base da concepção e significação do espaço.

O significado do espaço do panteão foi variando ao longo dos tempos, contudo, sempre um espaço de adoração, como se pode constatar na sua história. Mandado construir em 27 a.C. pelo Imperador Marco Agripa, a significação do edifício estava associada a um espaço de homenagem, dirigida ao seu conselheiro territorial Marco, devido a uma vitória sobre as tropas de Cleópatra.

Com o decorrer do tempo, o Panteão tornou-se num templo de dedicação e adoração aos deuses: primeiramente ao deus da Guerra, depois a Minerva Médica e mais tarde, a *pan theos* - “todos os deuses” - aquando da sua reconstrução, no princípio do séc.II d.C., ordenada pelo Imperador Romano Adriano. Mais tarde, no reinado Cristão, tornou-se mausoléu do Clero e da Realeza italianas, assim como de importantes personalidades.

A composição espacial do Panteão apela para uma ligação do mundo profano ao divino. Como testemunho dessa ligação refira-se a história da sua significação, desde a altura em que foi erguido.

Organiza-se segundo um eixo central, coroado por uma abside no interior do corpo central do monumento e invoca uma intenção de percurso no transeunte. A chegada ao ponto central, localizado abaixo do óculo, representa simbolicamente a ligação aos céus - ideal proveniente da crença Cristã na ascensão do mundo profano ao Divino. O momento de entrada é marcado por uma estrutura porticada, sustentada por um conjunto de colunas. A presença das colunas, como elementos de filtragem, marca a transição do mundo exterior (profano) para o interior – aqui entendido como um espaço de preparação para a viagem da ascensão.

O presente *case study*, para além da sua importância como espaço de vazio conformado (por oposição aos vazios concebidos por subtracção), também evidenciou a importância da luz na concepção arquitectónica. Neste exemplo, a luz desenha o espaço. Deste ideal foi retirado o conceito para a luz que desenha e estrutura o espaço no objecto híbrido em desenvolvimento. Os vazios do objecto híbrido proposto estruturam e ordenam o espaço, para além de o servirem relativamente a questões de salubridade.

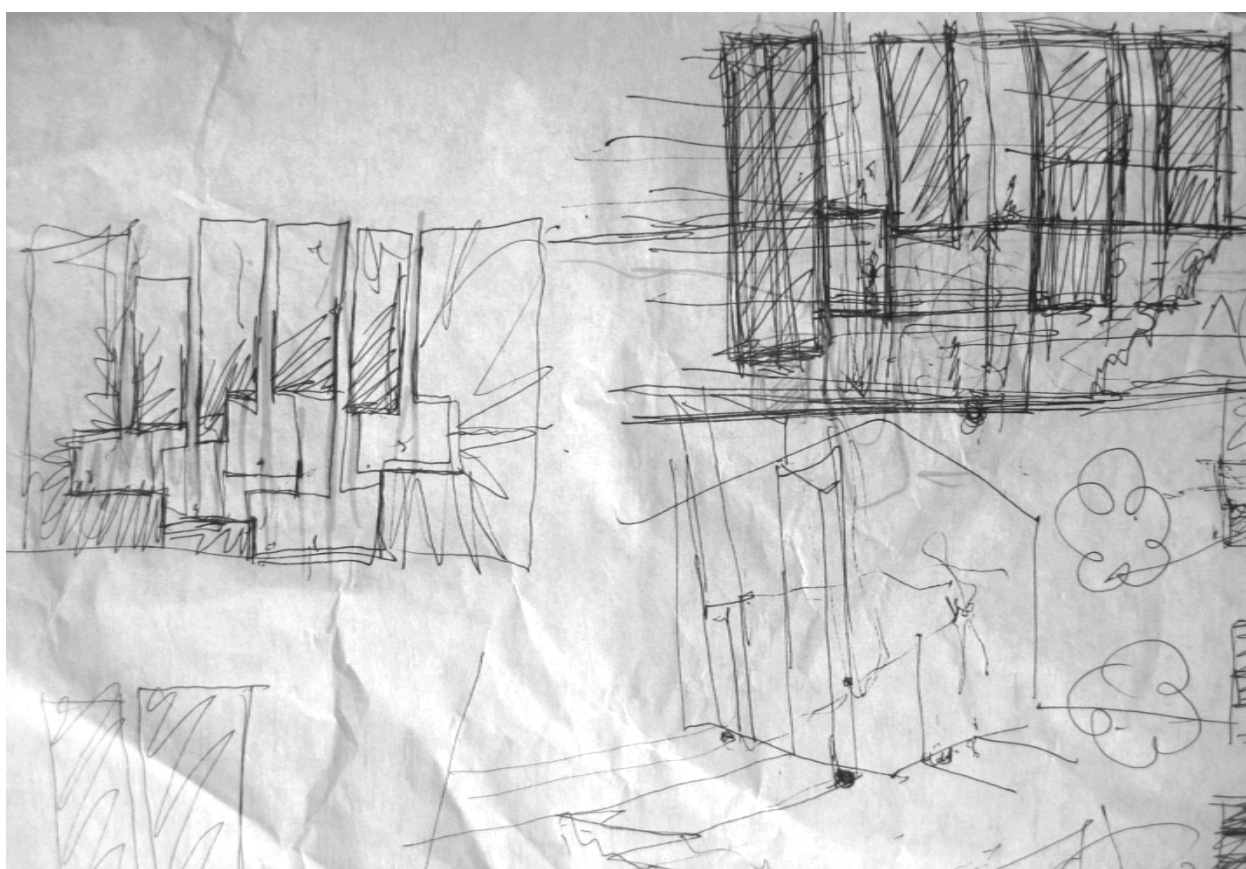


Fig. 15 – Importância da Luz na Proposta Arquitectónica. Autoria: Arq. Ricardo Rodrigues.

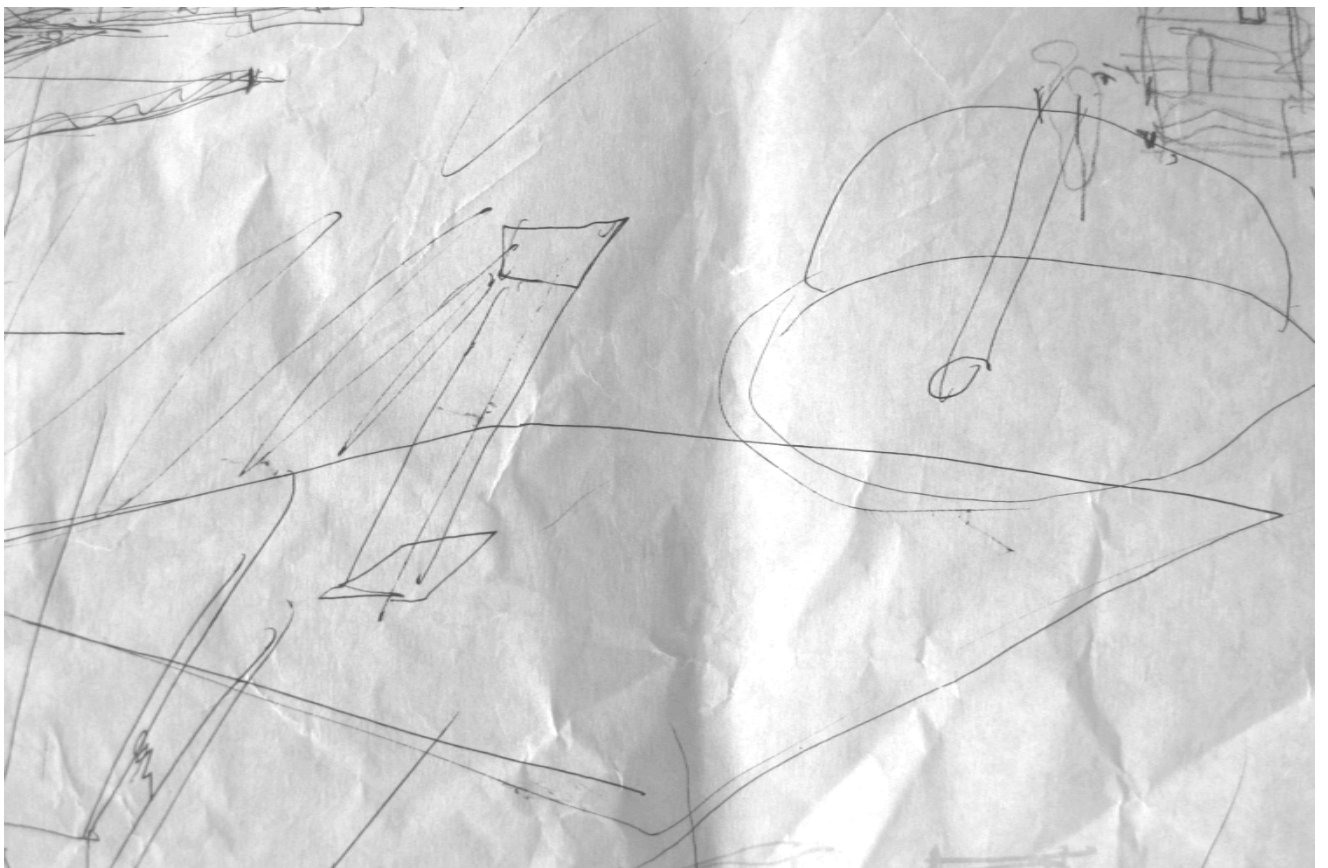


Fig. 16 - Conceptualização do Vazio do Panteão de Roma. Autoria: Arq. Ricardo Rodrigues.

CASE STUDY II: O VAZIO SEGUNDO RACHEL WHITEREAD

“She confronts the viewer with an “Inside” that seals itself off as an “outside”: an “inside” that kicks the viewer out, as it were, to discover that there is no escape from what is inside oneself”¹⁴

¹⁴ - DRATHEN, Doris von; BRITT, David trad. *Rachel Whiteread: Found Form*. In Parkett. Kunstzeitschrift/Art Magazine, N°38. Pp 22-31. ISSN0256-0917. Zürich, Dezembro 1993.

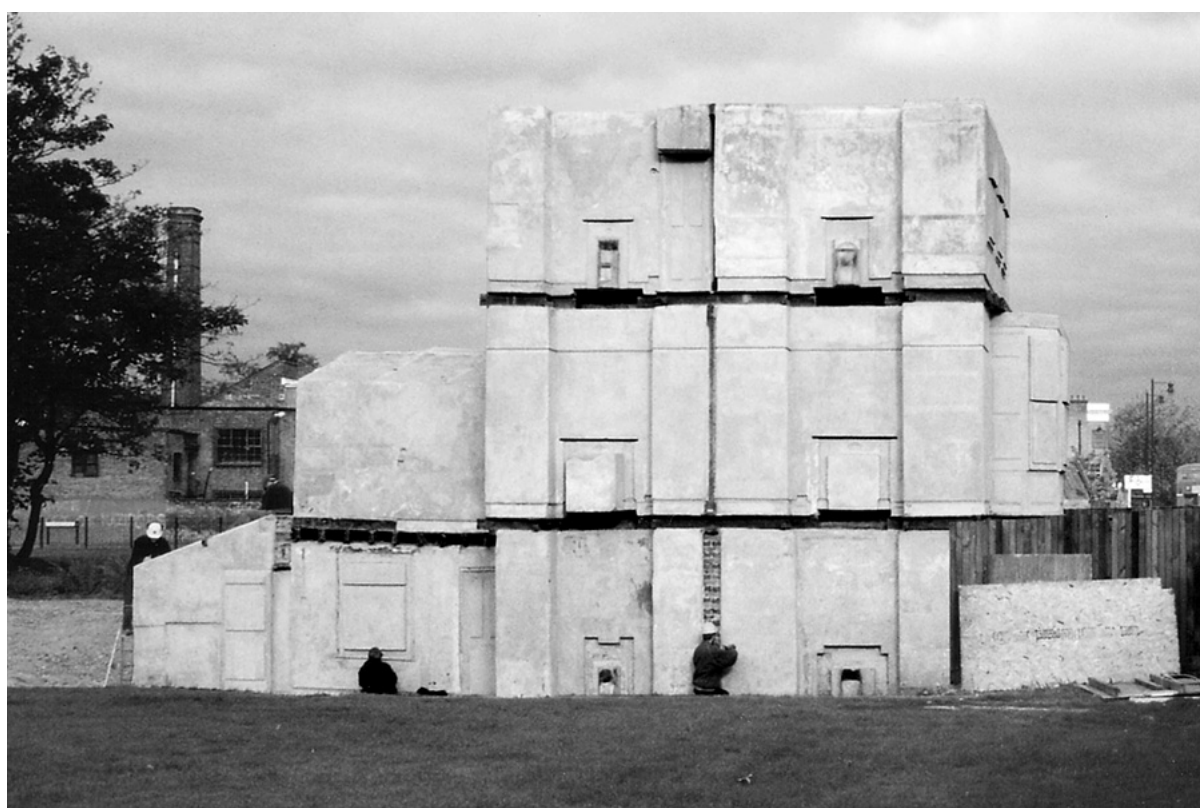


Fig. 17 – House. Localização: Londres. Autoria: Rachel Witheread.

A pertinência do estudo da obra da artista plástica britânica Rachel Whiteread para esta dissertação teórica advém da sua pesquisa e trabalho sobre o *vazio*. Whiteread elege-o como tema de trabalho principal.

Na sua obra assistimos a uma procura constante pela representação física do *vazio*, através da reprodução do mesmo, segundo um suporte matérico tridimensional.

O processo de trabalho da artista passa, numa primeira fase, pelo entendimento do *vazio* como um elemento positivo e não segundo a concepção do negativo de uma forma. Assim, o que entendemos como elementos em positivo num espaço (elementos massivos), tais como: a parede, o chão ou o tecto de um determinado espaço, passam a ser os moldes para a construção de escultura da artista.

Resulta deste processo a materialização física do espaço que habitamos, onde o espaço *vazio* do compartimento, que no dia-a-dia acolhe a vivência humana e respectivas acções, se transforma numa unidade em cheio, tridimensional e de matéria palpável. Perante uma obra da presente artista, o observador é confrontado com uma sensação de dualidade ao nível da percepção. É colocado na posição de observador de um objecto que corresponde a um interior na percepção comum e habitual.

Os Vazios que esta artista trabalha são os vazios comuns e constantes do nosso dia-a-dia. Vazios que percebemos intuitivamente sem consciência disso, tanto os vazios inerentes a objectos quanto os vazios que habitamos. São o espaço em negativo, o espaço intrínseco à delimitação física de um determinado volume.

O estudo da obra da presente artista tornou-se pertinente no desenvolver desta dissertação (e consequente projecto) uma vez que foi o ponto de partida para inverter o processo de subtracção de forma inconsciente que se estava a generalizar no acto de projecto. (explicação detalhada no capítulo problemática e metodologia).

Após este estudo, o processo da concepção dos vazios passou por uma primeira fase de definição unitária e identitária e só posteriormente se testou a sua viabilidade e adequabilidade no contexto do projecto. Os vazios gerados tornaram-se uma conformação da massa edificada ao invés de meras subtracções sobre a massa edificada.

PROPOSTA SOLUÇÃO URBANA

A proposta arquitectónica relativa a esta dissertação teórica localiza-se no Bairro do Rêgo, em Lisboa, e resulta de um plano urbano proposto para este lugar, realizado no âmbito da disciplina Laboratório de Projecto VI.

Os principais requisitos apresentados para o desenvolvimento da proposta urbana consistiram na definição espacial através do processo de subtracção segundo 5 temas: Percursos, Perspectivas, Praça, Clusters Verdes e Corredor Ecológico.

Os 5 temas, trabalhados de forma independente numa primeira fase sofreram as necessárias alterações aquando da sobreposição simultânea sobre o terreno, resultando então no plano urbano de base proposto para aquele lugar da Cidade.



Fig. 18 – Corredor Ecológico de Lisboa e Localização da Proposta.

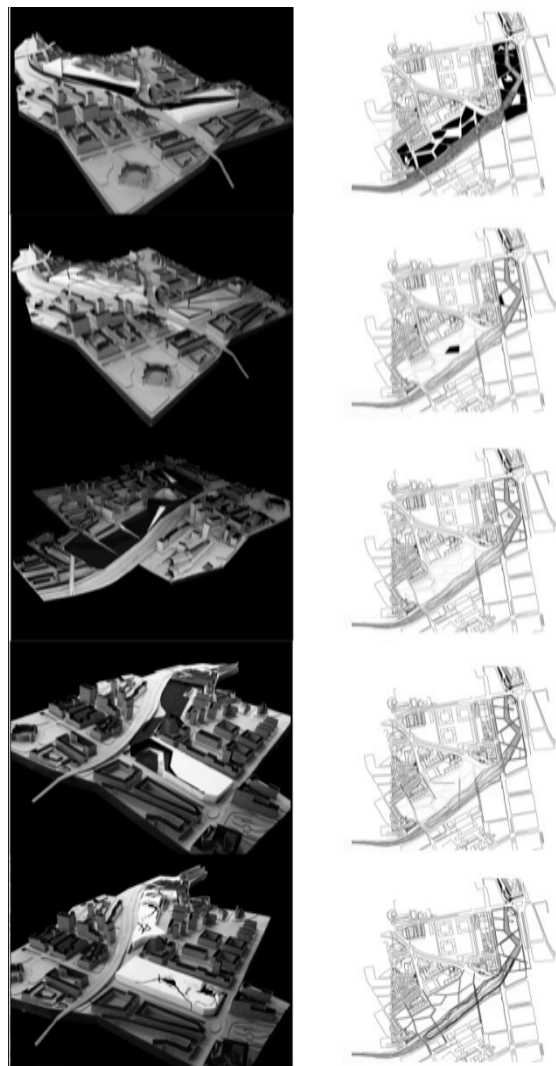


Fig. 19 – Os 5 temas da Proposta Urbana, retratados Individualmente segundo a ordem: Corredor Verde, Praça, Perspectivas, Percursos, Clusters Verdes.

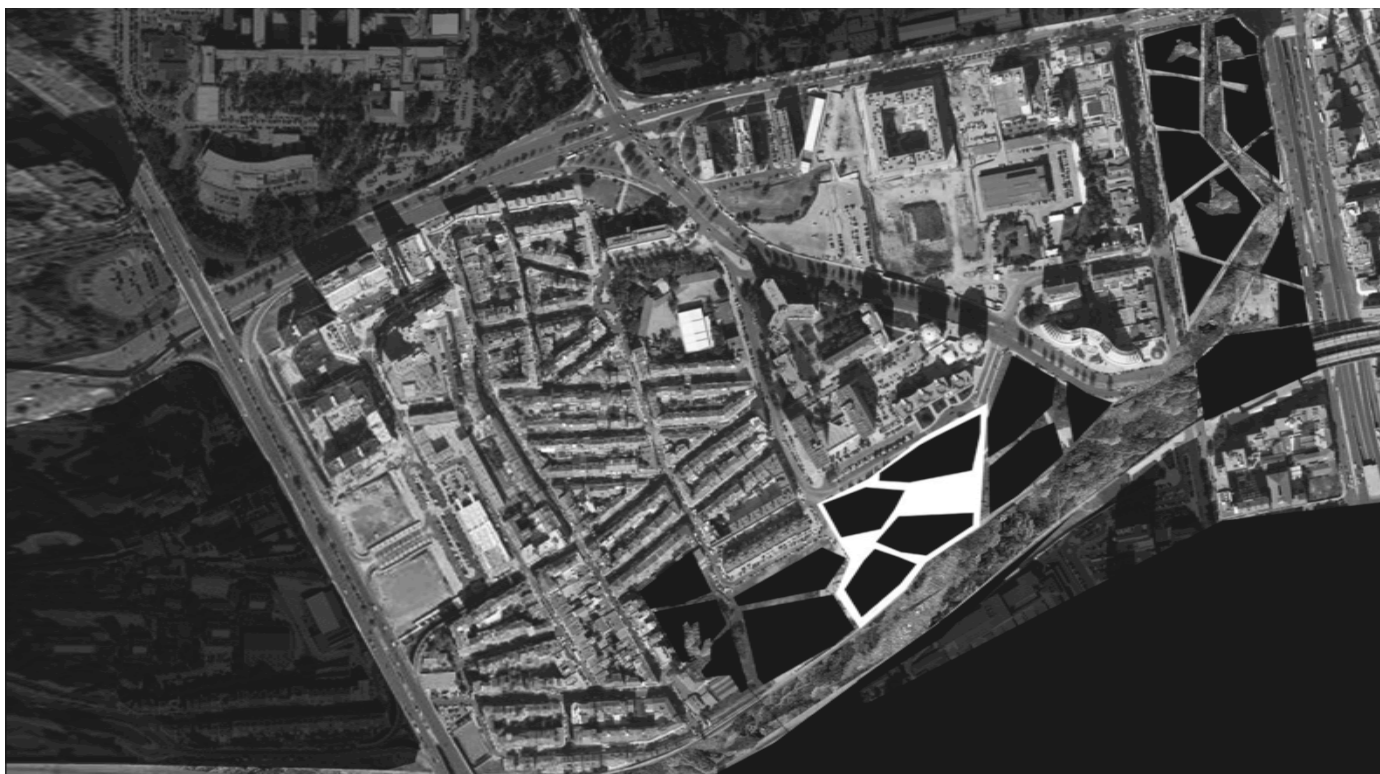


Fig. 20 – Proposta Urbana.

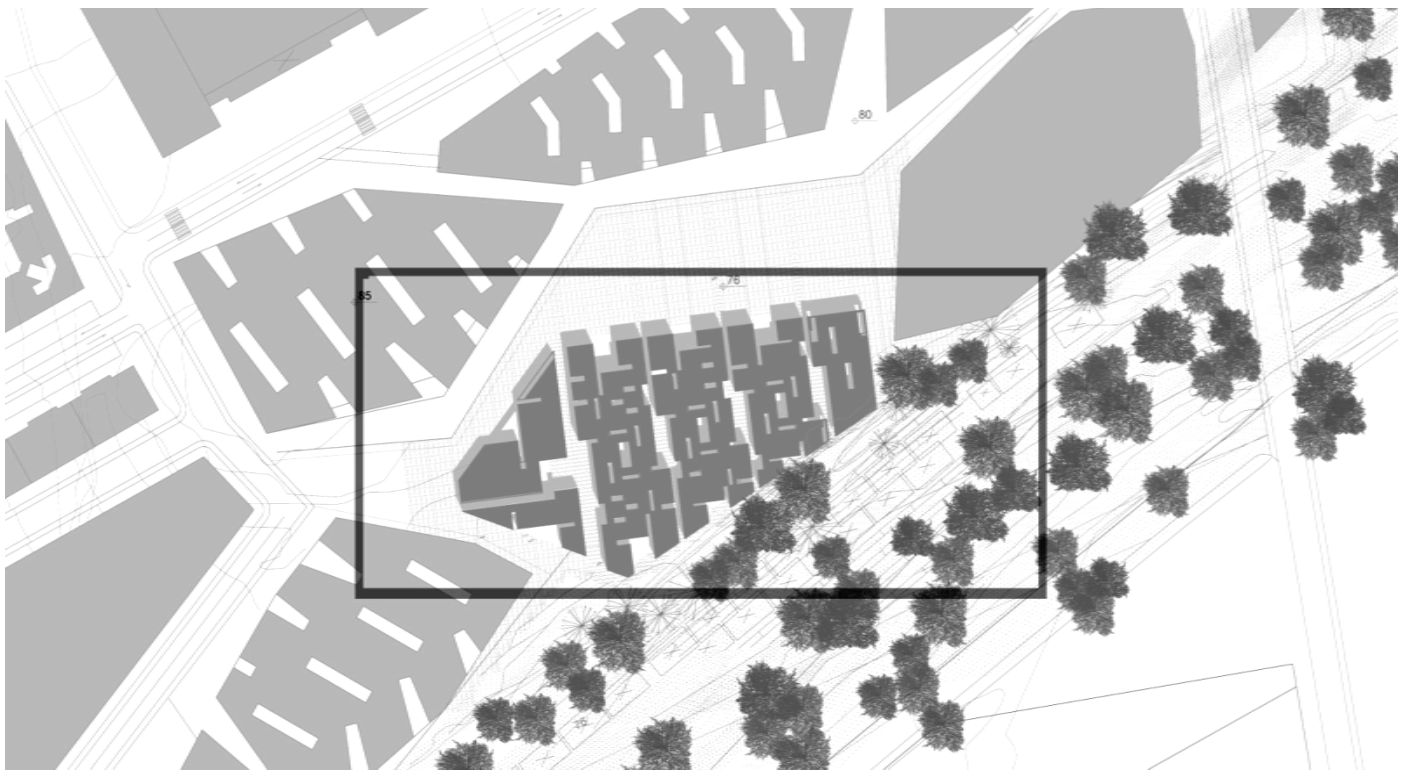


Fig. 21 – Implantação da Proposta Arquitectónica,

SOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA

DECOMPOSIÇÃO E ANÁLISE EXTERIOR DO PROJECTO

O edifício proposto encontra-se numa situação urbana de transição entre a cidade e o corredor verde proposto no plano urbano. Assumem-se como limites da proposta as frentes do objecto orientadas para a praça, para o corredor verde e para os edifícios adjacentes.

Pretende-se que a proposta arquitectónica apresente uma solução que resolva a transição do urbano para o natural, contribuindo para a exploração da vivência ao ar livre e em contacto com a natureza, tanto por parte dos habitantes locais quanto pelos visitantes.

Propõe-se uma constante dualidade no binómio: cidade e natureza. Assim, o edifício foi desenhado de forma a permitir o convívio com a natureza sem que as actividades do quotidiano sejam comprometidas e vice-versa.

A frente orientada para o corredor verde contém um passeio que percorre toda a fachada do edifício, promovendo desta forma passeios ao ar livre e em contacto com a natureza.

A frente do edifício que ladeia um dos limites da praça é interrompida por canais orientados no sentido do corredor verde. Estes canais servem também de elementos de distribuição horizontal pública: conduzem o transeunte para os acessos aos núcleos de habitação, para as zonas de comércio local ou ainda para os programas relacionados com o trabalhar e lazer, edifício de escritórios ou cultural respectivamente.

O edifício resolve desta forma a transição pública do meio urbano para o meio natural.

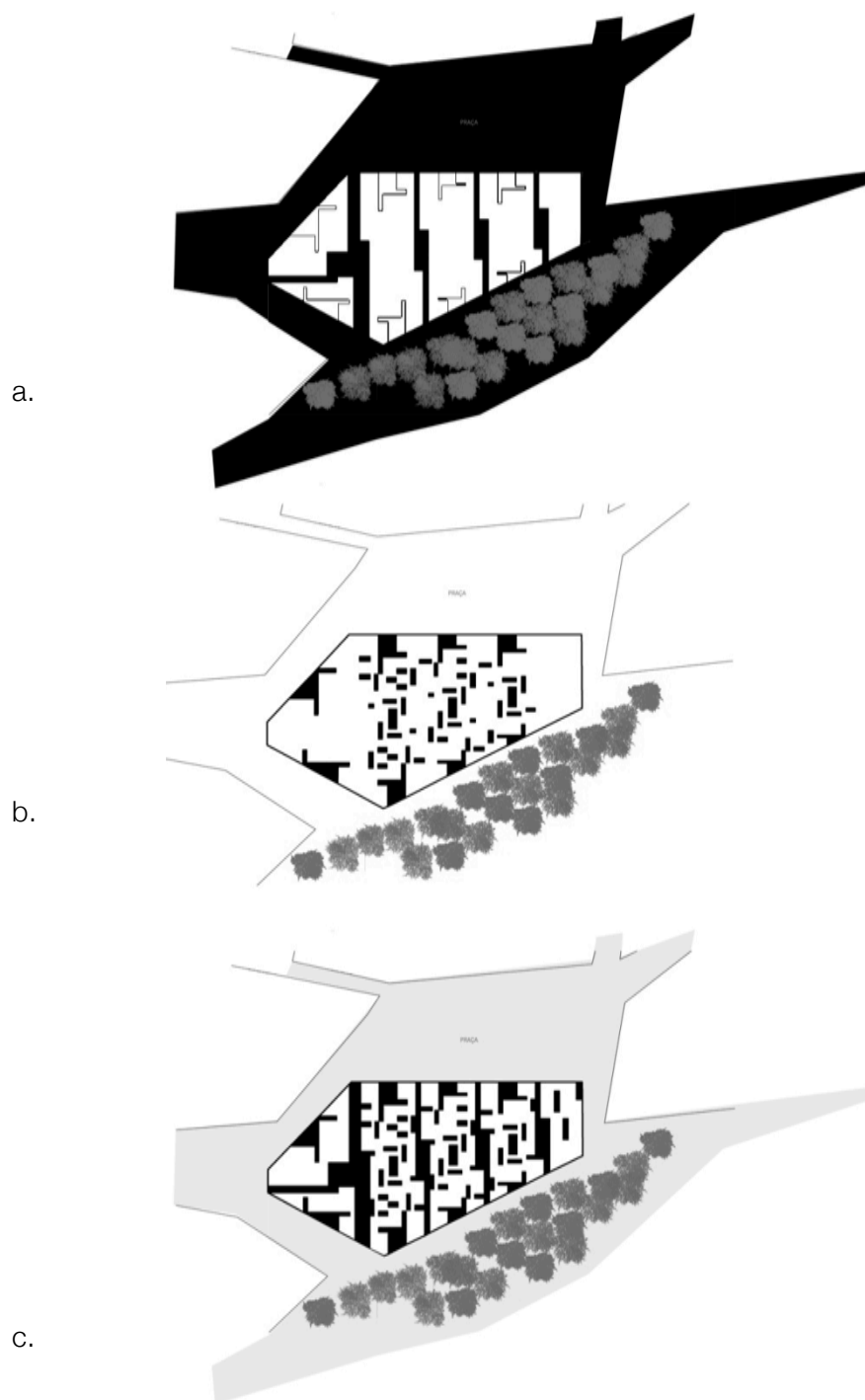


Fig. 22 – Esquemas de Graduação da Escala do Vazio,

a. Vazios Públicos b. Vazios Privados c. Conjugação de Vazios Públicos com Vazios

DO VAZIO URBANO AO VAZIO ÍNTIMO

A GRADAÇÃO DE ESCALA

A concepção do projecto teve como base a articulação dos diferentes tipos de vazio que organizam e articulam o programa, segundo uma gradação de valor que parte de uma abrangência comum de exposição pública - a praça - e progride no sentido da privacidade, até atingir o domínio privado – os saguões.

A partir da praça surgem rampas que levam o transeunte para um espaço intermediário que dilata para o corredor verde. Este espaço intermediário pode ser entendido como o primeiro espaço de distribuição, de onde, a partir do qual se pode aceder aos módulos de habitação, ao comércio ou continuar a fluir em direcção à natureza.

Na sequencia encontram-se os vazios semi-privados dos corpos de habitação. São o vazio central de distribuição vertical – que garante o acesso às habitações – e os pátios de cariz privado mas de utilização comum por parte dos habitantes.

Os vazios correspondentes à escala menor dizem respeito aos saguões e encontram-se presentes tanto no programa da habitação como nos programas públicos. Estes vazios são responsáveis pela organização e distribuição interior dos diferentes programas. Permitem também a convivência de programas públicos com privados, como se pode verificar no caso dos blocos habitacionais que compreendem actividades comerciais no seu embasamento e que partilham os mesmos saguões.

Os saguões aparecem também como elementos de qualificação do espaço uma vez que são responsáveis pelos ganhos de luz, ventilação e configuração espacial das diferentes dependências.

O vazio verifica assim a qualidade de estruturador e qualificador de espaço nesta proposta de arquitectura.

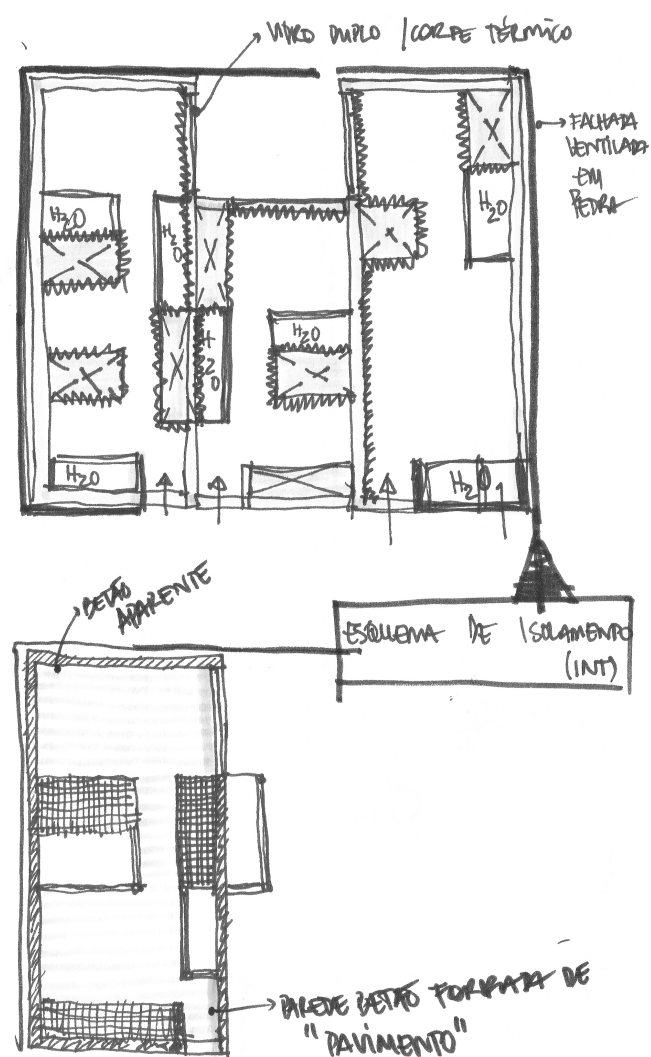


Fig. 23 – Esquema de Materialidade. Esquízo.

BINÓMIO CIDADE/NATUREZA

O binómio Cidade/Natureza é recorrente nas diferentes escalas do projecto de arquitectura em apresentação. Estas diferentes escalas correspondem aos diferentes vazios propostos e verificam a graduação enunciada no capítulo anterior.

O confronto cidade/natureza começa na implantação do edifício, uma vez que este se encontra “entre” a praça e o corredor verde. A praça surge assim como um elemento urbano de escala pública e o corredor verde como elemento natural de igual abrangência.

O edifício é cedido por dois módulos que correspondem no primeiro caso relativo à actividade do trabalho, traduzido em escritórios e no segundo caso como corpo para um programa cultural, que faz correspondência com a actividade do lazer. Assim, no topo correspondente ao trabalho, surgem pátios de acesso restrito aos utilizadores diários, sendo esta a sua possibilidade de usufruir do ar livre durante o dia de trabalho – uma possibilidade privada e contida. No topo correspondente ao programa cultural, o edifício é coroado com um anfiteatro ao ar livre que, para além de servir de transição entre as diferentes cotas da praça e do corredor verde, também permite a realização de actividades de divulgação pública tais como concertos ou performances.

Nos módulos correspondentes à habitação, a dualidade cidade/natureza é verificada nas diferentes orientações: ora para a praça, ora para o corredor verde e é proposta uma correspondência directa na materialidade tanto dos pátios privados de utilização comum como no interior das habitações. Assim, as habitações orientadas para o corredor verde são revestidas a madeira e as orientadas para a praça são revestidas a *viroc*.

Pretende-se com esta proposta verificar os temas em estudo nas diferentes escalas que abrangem o processo de arquitectura.



Fig. 24 – Alçado do Corredor Verde.

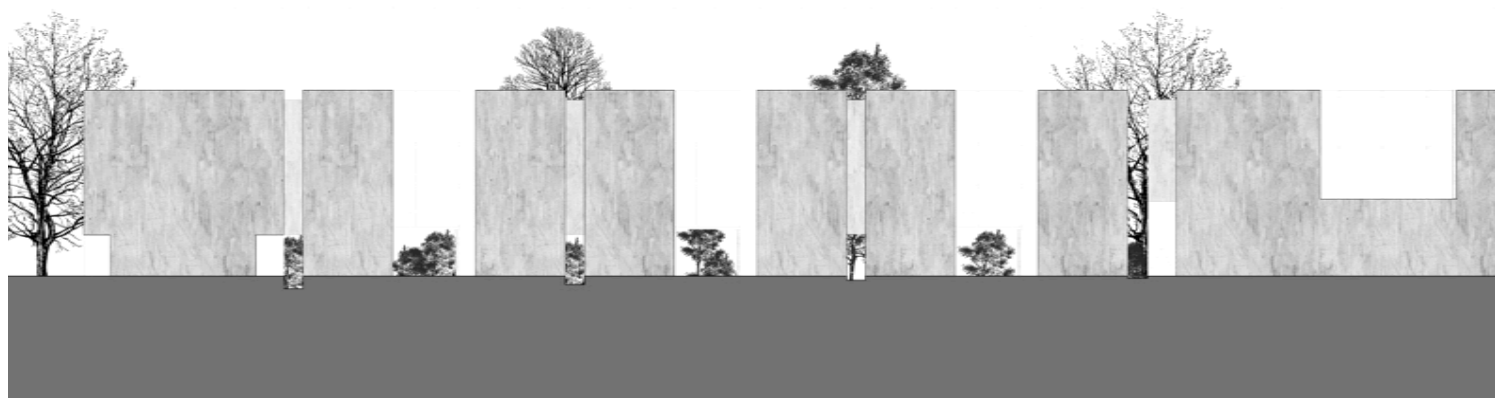


Fig. 25 – Alçado da Praça.



Fig. 26 – Pátio Vegetal.



Fig. 27 – Pátio Inerte

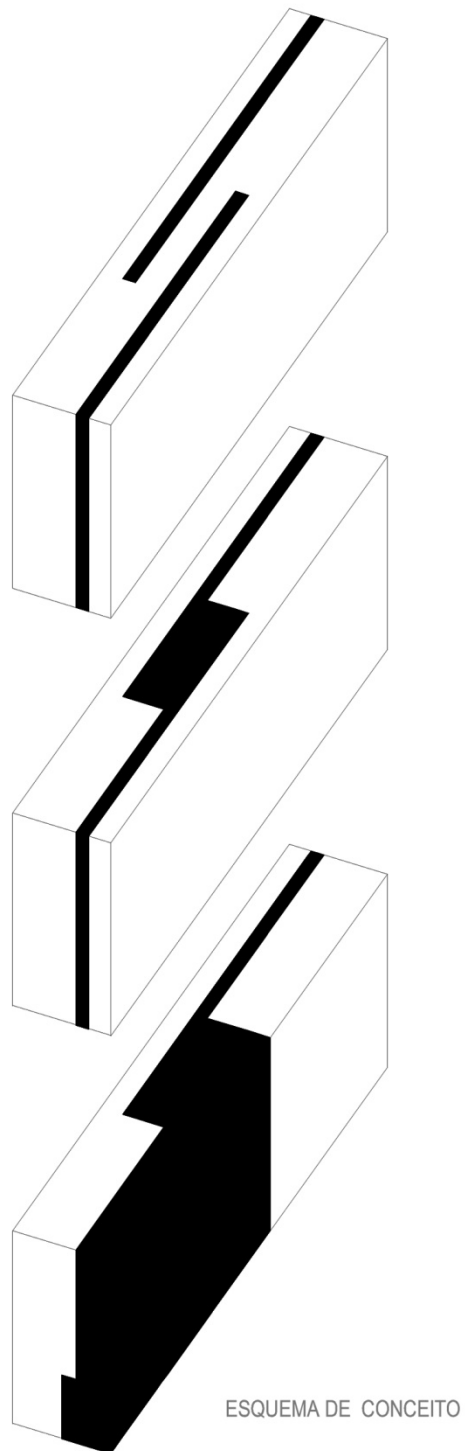


Fig.28 – Espaço Distributivo Público.

ESPAÇOS DISTRIBUTIVOS

TRANSIÇÃO PÚBLICO-PRIVADO

A transição do espaço público para o espaço privado verifica correspondência com a graduação de escala dos vazios que estruturam o projecto.

A passagem do meio Urbano para o meio Privado é feita de forma gradual, através da sucessão de vazios correspondentes que partem da abrangência comum e pública, no caso da Praça e do Corredor Verde, evoluindo para os pequenos corredores de ligação entre as entidades anteriormente referidas.

A partir do espaço vazio intermédio é possível aceder ao comércio local e equipamento oferecido pelo programa assim como aceder aos módulos de habitação.

Uma vez no bloco de habitação, a distribuição vertical estrutura mais um nível de vazio, desta vez de carácter mais privado e restrito ao traseunte comum, apenas de acesso aos habitantes.

A evolução para a escala do íntimo e pessoal acontece na habitação onde o saguão se apresenta como elemento de identidade privada e responsável pela identidade de cada dependência constituinte do fogo.

O saguão aparece assim como um vazio de carácter visual, não permeável fisicamente nos pisos superiores ao piso térreo.

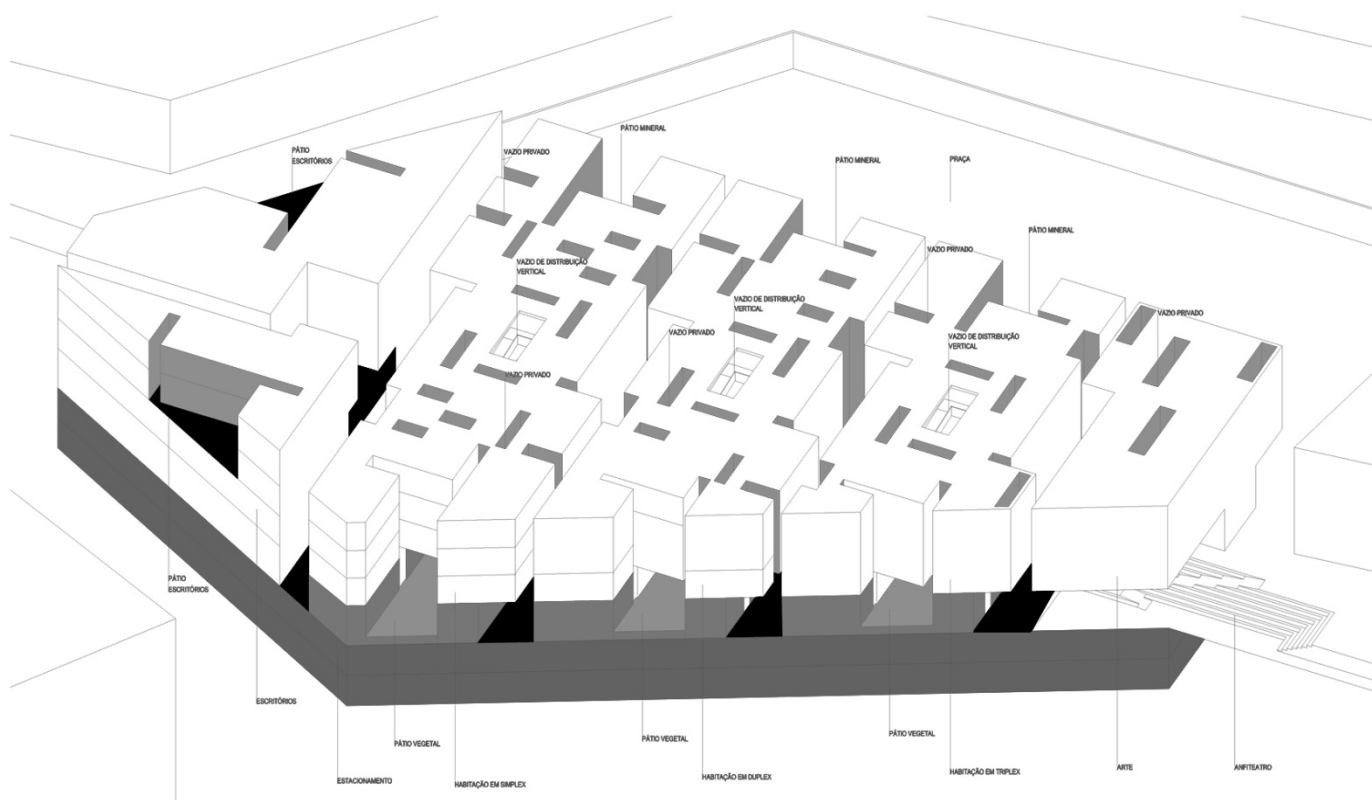


Fig. 29 – Axonometria Programática.

PROGRAMA

DO HORIZONTAL AO VERTICAL

O programa multi-funcional proposto, passível de albergar as actividades comuns do dia-a-dia: o habitar, o trabalhar, o lazer e o aprender, é estruturado organizado segundo os valores de transição urbano/verde acima enunciados, e organizado de acordo com a privacidade necessária a cada uma das actividades.

A distribuição do programa é feita segundo 5 módulos independentes (apenas interligados pelo parque de estacionamento).

Os módulos de topo do edifício rematam a inserção urbana do mesmo. Os programas destes módulos são de carácter público por excelência. públicos por excelência. No topo lateral esquerdo (segundo a orientação a Norte) é proposto um Centro de Serviços, devido à sua ligação mais próxima da cidade. Esse bloco é capaz de albergar as actividades inerentes ao serviço de escritório assim como uma sala polivalente, acessível pelo piso térreo, directamente do exterior.

No topo lateral direito (segundo a orientação a Norte), é proposto um centro de artes capaz de albergar actividades de lazer e aprender. Este topo remata a praça com o corredor verde segundo um Anfiteatro exterior que assegura a diferença de cotas entre estes dois espaços públicos. A utilização do Anfiteatro, para além do dia-a-dia, também prevê a realização de eventos associados ao lazer e à cultura, tais como performances artísticas, recitais de poemas, apresentações musicais, etc.

Os módulos de habitação têm em comum a estrutura do piso térreo. Orientado para a praça, encontram-se espaços de arrendamento para a actividades públicas que necessitem de um distanciamento relativamente ao espaço público e que não interferem no bom funcionamento e vivencia da habitação. Tomam-se como exemplos de ocupação destes espaços: ateliers de estudantes ou artistas assim como ateliers de tempos livres para crianças ou até mesmo infantários.

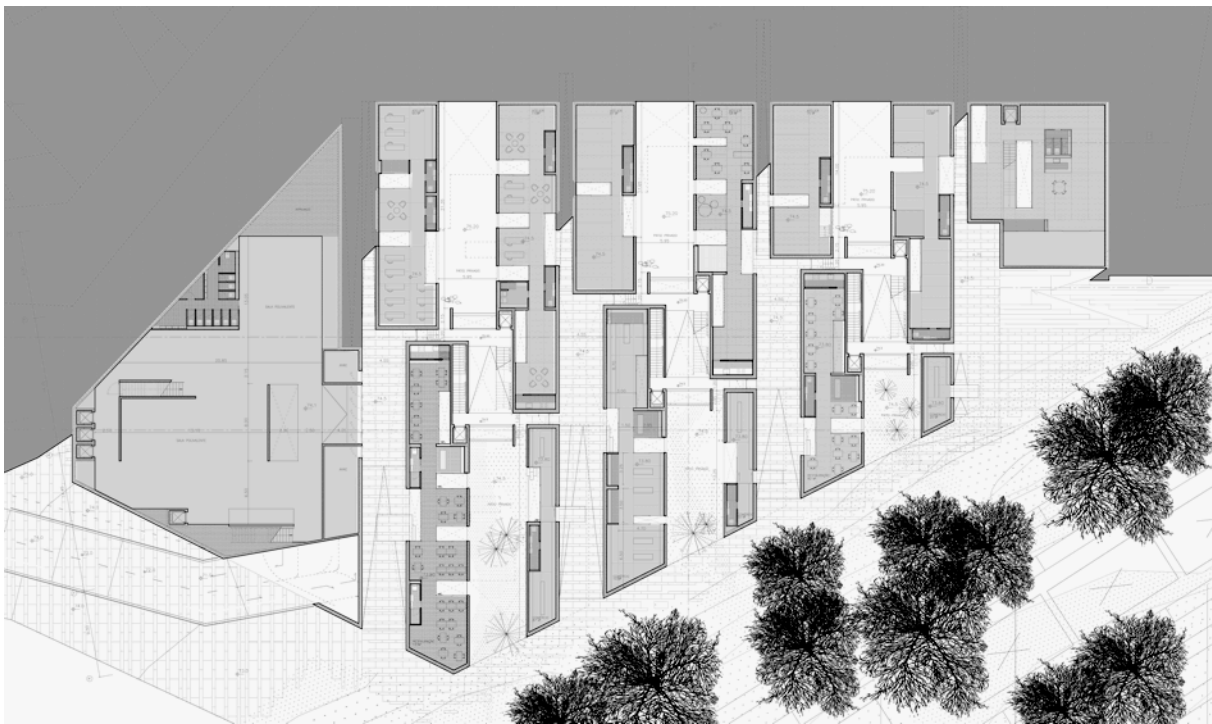


Fig. 30 – Piso Térreo.

Os três módulos de habitação são estruturados por um núcleo de distribuição vertical e dois espaços exteriores privados de uso comum. Um espaço inerte, orientado para a praça e um espaço de cobertura vegetal, orientado para o corredor verde. Pretende-se com estes espaços promover o encontro entre vizinhos assim como oferecer às famílias um espaço para lazer e uso-fruto comum.

Os módulos da habitação mantêm a mesma estrutura e relação de vazios mas variam em tipologia e encontram-se igualmente distribuídos: o número de habitações orientadas para o corredor verde num módulo, é exactamente o mesmo relativamente às habitações orientadas para a praça.

A estruturação espacial interna dos fogos é feita segundo os blocos de águas (cozinha e casas-de-banho) e respeita a gradação público/privado inerente a toda a proposta. Assim, o acesso é feito pela zona nobre, correspondente ao encontro e alimentação (sala e cozinha), progredindo para a privacidade, passando por dependências que se servem da casa-de-banho comum a toda a habitação e terminando em dependências com a sua própria unidade de higiene pessoal.

No módulo de profundidade maior, são propostos três pisos de habitação em estrutura simplex, originando o total de dezoito fogos, destinados principalmente para agregados familiares mais tradicionais.

No módulo central são propostos igualmente três pisos de habitação em estrutura duplex, originando o total de 12 fogos, destinados para agregados familiares mais jovens.

No módulo de profundidade menor são propostos três pisos de habitação em estrutura triplex, com a capacidade de albergar programas distintos da habitação ou conjugar esta actividade com outra compatível. Toma-se como exemplo a possibilidade de uma habitação conter em si um atelier de trabalho. A zona nobre da casa, associada ao lazer e encontro verifica um pé direito triplo, enfatizando desta forma a estrutura vertical do fogo.

CONCLUSÃO

A Architectura não é uma ciência nem tão pouco uma área que contenha em si a solução pré-determinada para as situações propostas. Pode ser considerada um exercício que procura responder às necessidades da sociedade e do indivíduo segundo soluções optimizadas para o efeito.

Assim, a forma architectónica resultante pode ser considerada uma representação tetradimensional da sociedade, nos seus vários aspectos, uma vez que contém em si as três unidades de espaço (comprimento, largura e altura) conjugada com a unidade de tempo.

O espaço e o tempo são as unidades necessárias para a vivência do homem assim como para a sua experiência do lugar que habita. Assim, o exercício de architectura deve ser orientado para a contemporaneidade, originando uma forma que responde às várias solicitações projectuais, sem esquecer o habitante destinatário, uma vez que a sua finalidade é servir o homem.

A localização da proposta no Bairro do Rêgo apelou para uma reflexão sobre o elemento arquitectónico Saguão e a sua possível reutilização, uma vez que é característica principal dos edifícios daquela zona da cidade, devido à grande profundidade de lote.

Pensar o vazio e permitir que essa reflexão envolva as várias escalas arquitectónicas foi um pressuposto desta dissertação e consequente aplicação na solução arquitectónica. Desta forma, partiu-se da abrangência urbana e recorreu-se ao Arquitecto SOLÀ MORALES para se perceber a potencialidade destes espaços vazios e respectivas implicações na cidade.

Como referência para o presente projecto, recorreu-se a elementos urbanos e arquitectónicos presentes na memória colectiva da sociedade. Apresentaram-se assim a Praça, o Pátio e o Saguão, com um breve contexto histórico para cada entidade e respectivas qualidades arquitectónicas. Estas entidades permitiram justificar a concepção de um sistema estruturado segundo a articulação de vazios que se organizam segundo uma graduação de escala.

Entendendo o vazio como uma ausência de matéria palpável, procurou-se a concepção do mesmo em torno da sua conformação espacial, segundo o estudo e exercício de maquette, ao invés de uma mera subtracção. Esta proposta de concepção foi possível devido à análise dos Case Studies: Panteão de Roma e ao trabalho desenvolvido pela Artista Plástica RACHEL WHITEREAD.

As noções de Luz como elemento importante na qualificação espacial foram resultado do estudo sobre as reflexões arquitectónicas por parte dos Arquitectos e Teóricos LOUIS KAHN, ALBERTO CAMPO-BAEZA e ELISA VALERO RAMOS.

A qualificação espacial dos diferentes programas e respectivas dependências implicou a conjugação das intenções arquitectónicas baseadas nos valores de Luz e escala propostos. A conjugação destes elementos originou os diferentes mas determinados tipos de vazio, que possuem entidade própria e se estruturam segundo um sistema articulado.

A qualificação espacial de cada um dos vazios propostos e respectivo posicionamento no sistema foi uma constante preocupação no desenvolvimento da proposta, uma vez que a investigação procurava proporcionar ao utilizador comum uma progressão espacial no sentido

de um sistema referenciado e reconhecido. A partir da praça, vazio maior e de carácter mais amplo, o transeunte é orientado para espaços com vivências mais restritas, associadas à habitação ou ao comércio e serviços e assim progressivamente, até atingir a actividade que o levou ali: o habitar, o trabalhar, o lazer ou o aprender.

A constante dualidade Cidade/Natureza permitiu que os Vazios se tornassem lugares de interface e confronto entre o espaço verde e o espaço urbano. A solução arquitectónica resolve este confronto de forma harmoniosa, onde estes dois elementos adquirem carácter essencial na organização e formalização da proposta, propondo assim um modelo para solução de propostas que verifiquem a presença destes elementos em simultâneo.

A diversidade programática apresentada conflui em si as actividades necessárias ao dia-a-dia: o habitar, o trabalhar, o aprender e o lazer, pretendendo devolver àquele trecho de cidade a vida necessária para gerar fluxos urbanos com o intuito de revitalizar o tecido urbano adjacente, que se apresenta em estado de decadência e abandono.

Esta dissertação pretende alertar para a reutilização de entidades arquitectónicas que verificam sucesso, que são tradicionais à sociedade e presentes na história e desenvolvimento da cidade, contudo, desenvolvidas de forma ajustada às necessidades da sociedade contemporânea.

O vazio, mais do que um apelo à tradição, foi compreendido como uma entidade capaz de estruturar um projecto de arquitectura, assim como elemento principal na qualificação espacial de cada espaço projectado, através de um gesto que percorre as várias escalas arquitectónicas.

Total de Palavras: 8038

BIBLIOGRAFIA

Academia das Ciências de Lisboa e da Fundação Calouste Gulbenkian. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Braga: Verbo Editora, 2001.

ARENGA, Nuno. *O Saguão na Habitação Urbana*, Tese elaborada para obtenção do grau de doutor em arquitectura. Lisboa: FAUTL, 2009.

BAEZA, Alberto Campo. *Ideia, Light and Gravity*. Tokyo: TOTO, 2009.

CAVACO, Cristina. *Espaçamentos Ilegítimos ou a Condição Suburbana do Vazio*, FAUTL, 2007

Disponível em: http://seu2007.saau.iscte.pt/Actas/Actas_SEU2007_files/Cristina_Cavaco2.pdf.

DRATHEN, Doris von; BRITT, David trad. ***Rachel Whiteread: Found Form***. In Parkett. Kunstzeitschrift/Art Magazine, Nº38 . Pp 22-31. ISSN0256-0917. Zürich, Dezembro 1993.

FAIRBROTHER, Trevor. ***The Curbed Monumentality of the Invisible***. In Parkett. Kunstzeitschrift/Art Magazine, Nº42 . Pp 96-99. ISSN0256-0917. Zürich, Dezembro 1994.

FENTON, Joseph. ***Híbrid Buildings***, Pamphlet Architecture nº11, New York: San Francisco, 1985

KAHN, Louis I. ***Conversas com Estudantes***. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. ***Morfologia Urbana e Desenho da Cidade***. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2ªEdição, Outubro 2000. ISBN 972-31-0903-4.

McCARTER, Robert. ***Louis I. Kahn*** Phaidon Press Ltd.

NORBERG-SCHULZ, Christian. ***A Arquitectura Ocidental: La Arquitectura como História de Formas Significativas***. Barcelona: Gustavo Gilli, 2ª Edição, 1985.

RAJCHMAN, John. ***Constructions***. Cambridge: MIT Press, 1998.

RAMOS, Elisa Valero. ***La Matéria Intangible. Reflexiones Sobre la Luz en el Proyecto de Arquitectura***. Espanha: Ediciones Generales de la Construcción, 2ª Edição, Novembro 2009. ISBN 978-84-936275-7-7.

SOLA-MORALES, Ignasi. ***Territorios***. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

WHITEREAD, Rachel; LINGWOOD, James. Ed. ***House*** Londres: Phaidon, 1995.

RODRIGUES, Maria João; SOUSA, Pedro Fialho de, co-aut; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira, co-aut. ***Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura***. Coimbra: Quimera, 1990.